

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS - PPGCULT**

JEFFERSON CESTARI

**O APOCALIPSE BRASILEIRO EM NARRATIVAS E TRAÇOS: AS CHARGES E
CARICATURAS DA LAERTE SOBRE O BRASIL DE 2018**

Aquidauana/MS

2023

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS - PPGCULT

JEFFERSON CESTARI

**O APOCALIPSE BRASILEIRO EM NARRATIVAS E TRAÇOS: AS CHARGES E
CARICATURAS DA LAERTE SOBRE O BRASIL DE 2018**

Relatório de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, do *Campus* de Aquidauana, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais, sob a orientação do Prof. Dr. Fabioda Silva Sousa.

Aquidauana/MS

2023

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS - PPGCULT**

BANCA EXAMINADORA

Dr. Fabio da Silva Sousa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -
Câmpus de Nova Andradina (UFMS/CPNA)
Orientador

Dr^a. Helen Paola Vieira Bueno

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Câmpus de Aquidauana (UFMS/CPAQ)
Examinadora

Dr^a. Silvana Colombelli Parra Sanches

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
Câmpus de Nova Andradina (IFMS/NA)
Examinadora

Aquidauana, MS, 28 de setembro de 2023.

DEDICATÓRIA

Àqueles que, tendo o privilégio da informação e estudo, não escolheram por votar em um abjeto estúpido, corrupto e perverso que deixou claro desde o início da campanha que “sua especialidade era matar”, como provou logo no início do governo. Dedico a vocês, que escolheram pela democracia.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais,

Às instituições públicas de ensino, da educação básica à superior do Brasil, que possibilitam - embora com impedimentos de outras forças como desigualdade social - que a educação possa chegar a quase todos e todas;

À minha esposa, maravilhosa Laura Hirakawa, que desde o início da pegada estava ao lado segurando a bronca nos momentos que eu estava dedicando atenção ao mestrado;

A três amigos: Claudinei Batista e Davi Lusley, amigos de tanto tempo e de incontáveis histórias que se ofereceram espontaneamente para me levar às quintas-feiras até a cidade de Aquidauana se abdicando horas de descansos noturnos e de momentos com suas famílias para que fosse possível eu assistir às aulas. Ao professor Rafael Bartimann, amigo e companheiro de trabalho, que ao observar minha dificuldade com a formatação do texto colocou seu tempo e conhecimento à disposição para a formatação do trabalho.

Por último, ao orientador e amigo e corintiano, o camarada professor Fábio da Silva Sousa, que quando me flagrava em nosso grupo no WhatsApp sobre futebol em horários de estudo, sutilmente me perguntava “se o trabalho estava caminhando” Eu entedia o recado. Ao professor devo a mudança de rumos lá no início da minha pesquisa quando captou que minhas inclinações estavam mais para uma pesquisa sobre a política, arte e sociedade que à imprensa.

“Se um palhaço se muda para um palácio, não se converte num rei; o palácio se converte num circo.”

Provérbio turco.

RESUMO

Este trabalho é incluso no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana/ PPGCult/CPAQ da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS pela linha de pesquisa *Sujeitos & Linguagens*. Tem como proposta analisar as tirinhas e charges da cartunista Laerte Coutinho publicadas em sua conta oficial no Instagram (*@laertegenial*) durante os últimos três meses do ano de 2018 na conjuntura das eleições para presidência do Brasil em que Jair Messias Bolsonaro, candidato de extrema direita do Partido Social Liberal (PSL), seria eleito. A coleta de dados se deu a partir da seleção das artes que Laerte Coutinho produziu e postou em sua rede social no momento em questão e que estavam em conformidade com os temas em análise. Para resgatar e ajudar selecionar os acontecimentos do ano que se passou a pesquisa foi usado como suporte o livro do jornalista Mario Magalhães “2018, sobre lutas e lágrimas” que traz uma miríade de acontecimentos aberrativo, que embora recentes em relação ao tempo da escrita da dissertação, de tão numeroso, é praticamente impossível ter uma retrospectiva apenas remetendo à memória. Para pesquisas jornalísticas e dados governamentais, houve acesso a jornais digitais como “*Folha de São Paulo*”, The Intercept Brasil e “Brasil de Fato” além de sites como dos Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Para embasamento dos Estudos Culturais, as leituras, entre outras, de Maria Elisa Cevalco “Dez lições sobre os Estudos Culturais”; Richard Johnson, Ana Escosteguy e Norma Schulman “O que é, afinal, os Estudos Culturais?”. Em relação ao conhecimento sobre os quadrinhos, foi dedicado leitura aos livros “Desvendando os quadrinhos” de Scott McCloud, “História da história em quadrinhos”, de Álvaro de Moya e “Quadrinhos e arte sequencial”, de Will Eisner. Como resultado, fica a sensação de que o Brasil flertou com o apocalipse.

Palavras-chave: Tirinhas. Estudos Culturais. Laerte Coutinho. Eleições 2018.

ABSTRACT

This work is included in the Postgraduate Program in Cultural Studies at the Aquidauana Campus/PPGCult/CPAQ at the Federal University of Mato Grosso do Sul/UFMS through the Subjects & Languages research line. Its purpose is to analyze the comic strips and cartoons by cartoonist Laerte Coutinho published on her official Instagram account (@laertegenial) during the last three months of 2018 in the context of the Brazilian presidential elections in which Jair Messias Bolsonaro, far-right candidate of the Social Liberal Party (PSL), would be elected. Data collection took place based on the selection of arts that Laerte Coutinho produced and posted on his social network at the time in question and which were in accordance with the themes under analysis. To rescue and help select the events of the past year, the research used as support the book by journalist Mario Magalhães “2018, about struggles and tears” which brings a myriad of aberrative events, which although recent in relation to the time of writing the dissertation, so numerous, it is practically impossible to have a retrospective just referring to memory. For journalistic research and government data, there was access to digital newspapers such as “Folha de São Paulo”, The Intercept Brasil and “Brasil de Fato” in addition to websites such as the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) and the Superior Electoral Court (TSE). For the basis of Cultural Studies, readings, among others, by Maria Elisa Cevasco “Ten lessons on Cultural Studies”; Richard Johnson, Ana Escosteguy and Norma Schulman “What, after all, is Cultural Studies?”. In relation to knowledge about comics, the books “Unraveling the comics” by Scott McCloud, “History of comics” by Álvaro de Moya and “Comics and sequential art” by Will Eisner were dedicated to reading. As a result, there is the feeling that Brazil has flirted with the apocalypse.

Keywords: Comic Strips. Cultural Studies. Laerte Coutinho. Elections 2018.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRALIC	Associação Brasileira de Literatura Comparada.
AIB	Ação Integralista Brasileira
CCXP	<i>Comic Con Experience</i> .
CPAQ	<i>Câmpus</i> de Aquidauana.
CNH	Carteira Nacional de Habilitação.
EUA	Estados Unidos da América.
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
HQs	Histórias em Quadrinhos.
JBS	José Batista Sobrinho
MBL	Movimento Brasil Livre
MPL	Movimento Passe Livre
MPF	Ministério Público Federal
ONU	Organizações das Nações Unidas.
PPGCult	Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais.
PF	Polícia Federal.
PGR	Procuradoria Geral da República.
PMDB	Movimento Democrático Brasileiro.
PR	Paraná.
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade.
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
PT	Partido dos Trabalhadores
REME	Rede Municipal de Ensino.
SP	São Paulo.
STF	Supremo Tribunal Federal
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso.
UniRio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<u>Figura 1 - Manifestações na av. Paulista.</u>	35
<u>Figura 2 - Cartunista Laerte Coutinho.</u>	39
<u>Figura 3 – Manuscrito Códice Grolier (Povos Maias).</u>	45
<u>Figura 4 - Tapeçaria Bayeux. (1070 – 1080).</u>	46
<u>Figura 5 - "Você está com sono, muuuuuuito sono".</u>	55
<u>Figura 6 - Discurso no escuro.</u>	56
<u>Figura 7 - Opções de voto.</u>	58
<u>Figura 8 - Grande Debate: os rumos do país.</u>	60
<u>Figura 9 - Olhos no Celular</u>	61
<u>Figura 10 - Preconceito</u>	62
<u>Figura 11 - Power Point</u>	63
<u>Figura 12 - Novos Políticos</u>	66
<u>Figura 13 - Precisamos falar sobre o fascismo</u>	68
<u>Figura 14 - Fantasma da ditadura 1</u>	70
<u>Figura 15 - Fantasma da ditadura 2</u>	70
<u>Figura 16 - Fantasma da Ditadura 3</u>	70
<u>Figura 17 - O rei está nu</u>	71
<u>Figura 18 - Deus e o Diabo</u>	72
<u>Figura 19 - Ninguém se importa</u>	73
<u>Figura 20 – Amor às amas.</u>	74
<u>Figura 21 – O sonho com as armas.</u>	74
<u>Figura 22 – Uso de armas durante a votação.</u>	76
<u>Figura 23 - Ditadura Militar 1</u>	77
<u>Figura 24 - Matéria Golpe</u>	78
<u>Figura 25 - Tortura</u>	79
<u>Figura 26 - Delicadeza</u>	80
<u>Figura 27 - Violência</u>	81
<u>Figura 28 - Ditadura 2</u>	82
<u>Figura 29 - Cornucopia</u>	83
<u>Figura 30 - Racismo</u>	84
<u>Figura 31 - Nova Escola</u>	85
<u>Figura 32 - Intervenção Militar</u>	87

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	12
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I: ESTUDOS CULTURAIS	
1.1 Estudos Culturais.....	18
CAPÍTULO II: 2018 - O ANO PARA NÃO SER ESQUECIDO	
2.1 Que tiro foi esse?	23
2.2 Macacos.....	25
2.3 Tucanos.....	26
2.4 Moro, o juiz que colheu o que plantou.....	27
2.5 “Fazer o trabalho que a ditadura não fez”.....	30
2.6 O ovo da serpente.....	31
2.7 Junho de 2013.....	34
2.6 <i>impeachment</i> de Dilma “com supremo, com tudo”.....	37
CAPÍTULO III: QUEM É LAERTE COUTINHO?	
3.1 Vida e produção.....	40
CAPÍTULO IV: TIRINHAS	
4.1 Definições e história.....	45
4.2 A origem das tirinhas.....	46
4.3 Os quadrinhos modernos.....	48
4.4 Pioneirismo dos quadrinhos no brasil.....	51
4.5 O protagonismo das redes.....	53
CAPÍTULO V: O HUMOR QUE NÃO TEM RISO	
5.1 Análise das tirinhas coletadas.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	92

PRÓLOGO

No último ano da graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em 2012, passei por um grave problema de saúde que naquele ano faria com que eu perdesse a visão do olho direito e ainda deixaria com baixa acuidade visual no olho esquerdo. Assim, naquele momento, não tinha muitas perspectivas de seguir com a vida acadêmica uma vez que aqueles últimos meses de graduação foram de difícil adaptação ao que se passava. A dificuldade em escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de locomoção até a universidade e a condição psicológica abalada diante do risco real de cegueira que a qualquer momento poderia atingir o olho restante foram determinantes para que me desse por satisfeito com o diploma do Ensino Superior. O primeiro na família de uma mãe que criou sozinha seus cinco filhos.

O curso se encerrou em agosto e ao final daquele ano a questão dos meus olhos tinha evoluído para melhor, recuperando parte da visão do olho sadio, naquele mesmo ano iniciara minha prática docente nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, MS (REME). Ano depois, uma nova adversidade colocaria outro desafio para que eu pudesse repensar em conciliar trabalho e estudo: doença renal crônica. Diante disso, trabalhar durante o dia e três vezes por semana e à noite se submeter às sessões de hemodiálise, deixava a ideia de um mestrado um pouco para depois. Mas esse “depois” iria chegar quando no ano de 2019 a professora Ana Paula Squinelo me marcou numa postagem no *Facebook* sobre a abertura de vagas para Aluno Especial na disciplina de *Mídias, Linguagens e Interdisciplinaridades* no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais (PPGCult/CPAQ/UFMS) no qual ela é docente.

A disciplina às quintas-feiras à noite não atrapalhava meu trabalho na escola durante o dia, tampouco meu tratamento clínico ocorridos nas segundas, quartas e sextas-feiras à noite. Ao participar das aulas como aluno especial, a dificuldade seria agora percorrer a distância de 140 km separando a capital de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, de Aquidauana, município do mesmo estado no qual se encontra o *campus* do programa de mestrado.

O problema relatado sobre a visão me acometeu de nictalopia, conhecida como cegueira noturna, caracterizada pela incapacidade do olho em se adaptar à

iluminação reduzida. Por conseguinte, seria desaconselhável pelos médicos, e proibido por minha Carteira Nacional de Habilitação (CNH), que eu deslocasse pela rodovia BR 262 nas horas noturnas. Confesso que me arrisquei pilotando minha motocicleta uma única vez e percebi que era uma temeridade muito grande. Diante disso, dois amigos de longa data, Claudinei e Davi, se comprometeram a participar comigo dessas viagens que, apesar do cansaço de todos após um dia todo de trabalho, eram feitas com muito *rock'n roll* e bate papo. A eles, devo algumas fichas de sinuca pelo companheirismo em uma jornada que me pertencia e apoio indispensável sem os quais seria mais difícil cumprir.

Finalizada a disciplina, empolgado pelo programa e o conceito interdisciplinar dos Estudos Culturais, era um caminho sem volta a ideia do mestrado. Agora era preciso avançar e ingressar como aluno regular. Se para muitos, o primeiro desafio desta etapa são as obras que precisam ser lidas e a elaboração do anteprojeto para a prova de seleção, eu tive, além desses, que desafiar um contratempo extra: a minha desorganização. Após meses de estudo, leituras e releituras das obras, algumas complexas como *O Local da Cultura* de Homi K. Bhabha, inúmeras anotações, escrita de projeto e infinitas horas dedicadas aos estudos e todo o desgaste psicológico que o prelúdio de uma prova destas incorre, reprovei na fase de entrega dos documentos por não inserir devidamente no *site* do programa todos os arquivos indispensáveis apontados no edital do concurso. Sem hesitar, mas com zanga, comecei no mesmo dia em que saiu o resultado de “indeferido” a me preparar para a próxima seleção no início de 2020.

Então tive a segunda chance, agora já previamente acordado com o professor Fábio da Silva Sousa que, se possível, seria ele meu orientador no caso de aprovação. Eis que, pela segunda vez, fui reprovado por não entregar todos os documentos exigidos no edital. Um raio que caiu duas vezes no mesmo lugar não me deu oportunidade – outra vez – de concorrer na prova da seleção.

Aprendida antes tarde que nunca a lição, em fevereiro de 2021, desafio da entrega correta dos documentos superado, finalmente pude fazer a prova e avançar às demais etapas do concurso até a aprovação para ingresso definitivo no programa do mestrado que em decorrência da pandemia do COVID -19 teve como modelo as aulas a distância, o que obviamente dispensava a necessidade de ir até a cidade de Aquidauana para aulas presenciais.

Mas faltando um semestre para o fim do curso em 2022, restando a entrega do texto final, fui chamado para São Paulo (SP) a fim de aguardar a vez para o transplante de rim e pâncreas dos quais eu aguardava havia muitos anos – como já contei no início desta história - e que, com a iminência da minha vez na fila, era recomendável que eu fosse aguardar a cirurgia naquela cidade. Entre a realização dos exames, a espera dos órgãos, o tempo de internação, a recuperação lenta e delicada, foi ao menos oito meses de atestado médico.

Ao regressar a Campo Grande no início de maio de 2023 estava liberado pelos médicos a voltar gradualmente às atividades do dia a dia, assim retomei a escrita da dissertação, até que enfim em setembro de 2023 a dissertação foi entregue a submissão da defesa final e o trabalho ficou em absoluto no mês seguinte, outubro.

Assim, segue o resultado. Saúde a todos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está incluso no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana/ PPGCult/CPAQ da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS pela linha de pesquisa *Sujeitos & Linguagens*.

Sua proposta busca tratar alguns dos acontecimentos que marcaram a sociedade brasileira no ano de 2018, em especial seus últimos três meses, que corresponde ao período das eleições para presidente da república, governadores e senadores em um ano que o Brasil viveu um intenso movimento reacionário que culminaria na eleição de Jair Messias Bolsonaro para presidente do Brasil, o mais extremista dos presidentes eleitos desde a redemocratização brasileira em 1985, um ex-militar dos tempos da Ditadura e confesso apreciador dos torturadores mais cruéis daquele período.

Para tal, se deu a escolha de analisar as charges e tirinhas autorais que a cartunista Laerte Coutinho publicou no período citado em sua conta oficial da rede social *Instagram* (@laertegenial) a qual é seguida por mais de 700 mil usuários.

Deste modo, esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, sendo que: **No capítulo I – “Os Estudos Culturais”**, buscamos apresentar, com base na leitura de Maria Elisa Cevasco, como e onde surge os Estudos Culturais, sua característica interdisciplinar e os motivos pelos quais sua criação se deu no contexto britânico da metade do século XX. Apresentamos ainda os principais autores na origem dos Estudos Culturais no Reino Unido. A saber: o galês Raymond Williams, *Culture and Society*, de 1958; os ingleses Edward. P. Thompson, (*The Making of the English Working Class*) e Richard Hoggart com a obra *The Uses of Literacy*. O capítulo ainda apresenta um panorama sobre o contexto dos Estudos Culturais no Brasil.

No capítulo II - “2018, o ano para não ser esquecido”, propomos análise de alguns acontecimentos que marcaram o tumultuoso 2018 desde janeiro, como o aumento do número de casos de febre amarela em macacos que culminou na caça aos primatas que se tornaram vítimas da ignorância das pessoas que creram serem estes animais os transmissores do vírus, até o mês de dezembro quando o presidente eleito, Jair Bolsonaro, montava seus ministérios republicanos e movimentava a capital federal para iniciar seu mandato.

No capítulo III – “Quem é Laerte Coutinho?”, buscamos retratar a biografia da cartunista Laerte Coutinho, fazendo um percurso por sua extensa e marcante trajetória de vida profissional no universo da arte gráfica desde os anos 1960 até o momento das eleições de 2018. Ainda, buscamos retratar quais foram seus grandes parceiros de produção e as revistas e jornais em que produzia e/ou continua produzindo até os dias atuais.

No capítulo IV - “Tirinhas”, percorremos a história das charges e tirinhas (arte sequencial, humor gráfico, entre outros) desde tempos mais remotos quando a arte sequencial não era produzida com o interesse comercial como a Tapeçaria Bayeux, da Antiguidade Clássica, até a linhagem das tirinhas modernas disponibilizadas nas redes sociais.

Neste capítulo, procuramos demonstrar algumas das principais referências dessa cultura no mundo como o inglês *William Hogarth* (1698 – 1764) e o suíço *Rudolph Töpffer* (1799 – 1846) bem como no Brasil onde o italiano Angelo Agostini é considerado, não sem muita polêmica, que esta escrita apresenta, o precursor da arte no Brasil.

No capítulo V – “O humor que não tem riso”, chegamos ao objetivo central do trabalho que são as análises das tirinhas coletadas no *Instagram* oficial da Laerte Coutinho no contexto das eleições de 2018. Para isso, contamos com as leituras dos autores norteamericanos Will Eisner (1917 – 2005), Scott McCloud (1960 -) e o brasileiro Álvaro de Moya (1930 – 2017) que em suas obras trabalham o conceito e o as técnicas de produção das tirinhas e charges bem como oferecem significados e intencionalidades que os artistas gráficos fazem uso em suas criações. As tirinhas em análise foram selecionadas de acordo com o contexto ao qual elas foram postadas no *Instagram* em relação àquilo que se passava no Brasil naquele momento.

CAPÍTULO I: ESTUDOS CULTURAIS

1.1 ESTUDOS CULTURAIS

Os Estudos Culturais (EC) em que este trabalho se insere trata-se - segundo Maria Elisa Cevalco em *Dez Lições Sobre Estudos Culturais* (2003) - de um campo interdisciplinar que surge na década de 1950 na Grã-Bretanha no *Centre Contemporary for Cultural Studies* (CCCS), centro de pesquisa da Universidade de Birmingham, como uma crítica às disciplinas tradicionais das ciências humanas e sociais. Objetivava a constituição de um novo campo de estudos que buscava incluir com mais amplitude os estudos das práticas culturais e sociais cotidianas, sem se caracterizar, no entanto, em uma nova disciplina, mas uma área interdisciplinar que buscava intersecção às diferentes disciplinas dos estudos da cultura e da sociedade, porém com novos olhares uma vez que as disciplinas tradicionais existentes até então já não comportavam atender a demanda e dinâmica daquela eferescente fase da sociedade britânica entre o período industrial e pós-guerra.

Assim,

Já está claro aí que as disciplinas então existentes não comportam as questões que interessa formular. Para lidar com as novas complexidades da vida cultural é preciso um novo vocabulário e uma nova maneira de trabalhar: já está dado nesse momento o passo que leva à estruturação dos estudos culturais. Na obra de [Raymond] Williams esse passo implica um mergulho histórico nos modos pelos quais a cultura foi sendo concebida ao longo da história inglesa moderna. Antes de deslocar as concepções e ênfases do debate sobre a cultura, é preciso mapear seu desenvolvimento histórico (Cevalco, 2003, p.13).

Em análise sobre a epistemologia da palavra *cultura* e como esse vocábulo modifica seu significado ao passo em que a sociedade se transforma e à medida que novos atores, dinâmicas socioculturais, instituições e representações emergem, Cevalco (2003) apresenta uma linha do tempo na qual analisa que:

A palavra “cultura” entrou na língua inglesa a partir do latim *colere*, que significa habitar – daí, hoje, “colono” e “colônia”; adorar – hoje com sentido preservado em “culto”; também cultivar – na acepção de cuidar, aplicado tanto à agricultura quanto aos animais. Esta é a acepção preponderante no século XVI. Como metáfora, estendeu-se ao cultivo das faculdades mentais e espirituais. Até o século XVIII, cultura designava uma atividade, era cultura de alguma coisa. Foi nessa época que, ao lado da palavra correlata “civilização”, começou a ser usada como um substantivo abstrato, na

acepção não de um treinamento específico, mas para designar um processo geral de progresso intelectual e espiritual tanto na esfera pessoal como na social [-] o processo secular de desenvolvimento humano, como em cultura e civilização europeia (Cevasco, 2003, p.9).

Ainda, no decurso do século XX em que o mundo procura se reorganizar após as Grandes Guerras, a palavra *cultura* continuou passando por alterações à medida que a sociedade se transformava e se reorganizava.

No processo, uma de suas acepções de antes da guerra, a da distinção social, cultura como posse por parte de um grupo seletivo, começa a desaparecer e a dar lugar à preponderância do uso antropológico, cultura como modo de vida. O outro sentido de cultura, designando as artes e, no contexto inglês em especial, a literatura, se inflete como a predominância da crítica sobre a criação, um dos eixos do projeto intelectual dominante na academia inglesa, o Cambridge English [...] (Id, 2003, p.11).

Essas transformações serão responsáveis ao que Raymond Williams (1921 – 1988) denomina como “era da cultura” - devido ao papel central desempenhado pela cultura nos novos arranjos sociais desde então - que se caracterizou pelo predomínio dos meios de comunicação de massa na formação da identidade do indivíduo assim como marca a mudança de foco dos conflitos políticos e econômicos para o cultural (Id, 2003, p. 11).

As obras consideradas pilares na formação dos Estudos Culturais em seu início são:

[...] o livro de 1958 *Culture and Society, 1780 – 1950*, de Raymond Williams; ao lado dele temos *The Uses of Literacy*, de Richard Hoggart (1975), e *The Making of the English Working Class* (1963), de Edward P. Thompson – os três considerados, não por acaso, os livros fundantes da nova disciplina (Id, 2003, p. 13).

Assim, o livro do galês Raymond Williams, *Culture and Society*, de 1958, analisa as transformações e ações da cultura na sociedade inglesa no período moderno durante a metade do século XVIII, período da II Revolução Industrial até o pós-guerra do século XX. *The Making of the English Working Class* (A formação da classe operária inglesa, do título em português), 1963, escrita pelo historiador inglês E. P. Thompson é considerado um clássico dos movimentos de luta da classe trabalhadora e investiga a experiência, a identidade e costumes dos trabalhadores ingleses no que tange o protagonismo dos chamados “vindos de baixo” compreendido como aqueles que estão à margem dos acontecimentos, do foco e do

protagonismo do processos históricos. O Inglês Richard Hoggart publica em 1957 *The Uses of Literacy* (As Utilizações da Cultura, do título em português), no qual examina as tradições da classe operária e o impacto causado pela cultura de massas, como cinema, rádio, revistas, hábitos e costumes dos trabalhadores ingleses.

A partir da Grã-Bretanha os Estudos Culturais se espalha pelo mundo. Na América Latina, Fábio da Silva Sousa e Helen Paola Vieira Bueno, professores do Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais (PPGCult) da UFMS, argumentam que grande impacto se deu:

[...] a partir da construção do grupo Modernidade/Colonialidade, no qual se destacam os intelectuais Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Walter Dignolo, Catherine Walsh, entre outros/as, no qual formularam conceitos críticos na produção de outros saberes. A Colonialidade do Poder, do Ser e do Saber, iniciado por Quijano, produziram e, produzem, a partir do Giro Decolonial, questionamentos sobre conhecimentos eurocêntricos, refletindo sobre os processos de resistências epistêmicas da América Latina e por um olhar da própria América Latina (Souza e Vieira, 2022, p.10).

Assim, o tripé formador dos Estudos Culturais, embora suficiente para compreender a epistemologia britânica de seu tempo, não era suficiente para a demanda própria da América Latina em busca da construção de uma análise de seus próprios saberes, padrões sociais e culturais considerando a diferença entre povos, etnias, culturas, países, governos, línguas, dialetos, processos coloniais e de independência aos quais a América Latina está inserida.

Em relação ao Brasil, Cevalco (2003) aponta que, embora já existisse estudos culturais antes da nomenclatura inaugurar propriamente uma disciplina acadêmica, sua apresentação oficial data de 1998, ano em que a Associação Brasileira de Literatura Comparada, Abralic, que reúne professores e pesquisadores da área da literatura, escolheu para seu congresso bienal o tema *Literatura Comparada = Estudos Culturais?*, sendo, portanto, os estudos culturais iniciados no Brasil através do interesse de uma associação de interesse do campo da literatura.

Todavia, como já expomos e como descrevem a pesquisa de (Souza e Vieira, p.9) “os Estudos Culturais se constituem como um campo interdisciplinar, no qual abriga investigações de diversas temáticas, com metodologias plurais e com diálogos entre distintas áreas do conhecimento”. Sendo, mais uma vez, a literatura apenas um dos segmentos dos quais os Estudos Culturais irão se apossar.

Na coletânea *História em combate: ciência e ensino, ética e engajamento*, os professores Aguinaldo Rodrigues Gomes e Miguel R. de Sousa Neto, professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da UFMS (PPGCult) informam que:

No Brasil são dois programas em Estudos Culturais (USP e UFMS), um programa em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (UEG), e dois programas em desativação, um em Estudos Culturais Contemporâneos (FUMEC) e outro em História e Estudos Culturais (UNIR), todos com cursos de mestrado (Gomes e Neto, 2022, p. 54).

Uma característica marcante dos Estudos Culturais é seu léxico de estudos amplamente versátil, interdisciplinar e comprometido com os estudos inerentes aos fenômenos políticos e que, como alerta Cevalco (2003), não é uma disciplina neutra.

Para Cevalco:

Parte preponderante de sua afluência se deve ao sucesso com que desempenha sua função de treinamento social no sentido exigido para a manutenção de uma determinada ordem. Demonstra, ainda, o engano dos que acreditam que se trata numa disciplina neutra, preocupada com o mundo etéreo das formas e com a manutenção de valores eternos (Id, 2003, p. 27).

Ao se referirem à “circularidade em diversos universos dos saberes culturais”, os pesquisadores Helen Paola Vieira Bueno e Fábio da Silva Sousa (2022), argumentam que:

Essa característica é fundamental para assegurar o caráter interdisciplinar e de diálogo que os Estudos Culturais defendem em suas diversas investigações e na produção de conhecimentos que vá além do tradicionalismo. Em suma, por se constituir uma área que não objetiva em se tornar uma disciplina acadêmica convencional, os Estudos Culturais é um campo de intensa renovação epistêmica e que desafia as fronteiras do conhecimento clássico (Id, 2022, p. 11).

Maria Elisa Cevalco (2003) aponta que “a linha d’água que diferencia os estudos culturais é seu projeto político, seu impulso claro de fazer ligações com a realidade social e diferença na prática cultural”. Assim, esta pesquisa busca olhar para o panorama social e político ao estudar as tirinhas da Laerte Coutinho no contexto das eleições de 2018.

Portanto esta investigação se propõe analisar um recorte da extensa obra da Laerte que procurou a cada novo ato político indecoroso que surgia no cenário de debates e de combates daquele momento, expressar em suas linhas sua angústia, seus medos enquanto chamava atenção para a estupidez e delírio do Brasil de Jair Bolsonaro.

CAPÍTULO II: 2018 - O ANO PARA NÃO SER ESQUECIDO.

2.1 QUE TIRO FOI ESSE?

O carnaval do Rio de Janeiro de 2018 teve como grande sucesso uma canção cujo nome é bem sugestivo para o que tem sido a sociedade brasileira e que naquele ano não estava sendo diferente. A cantora Jojo Todynho estourava no carnaval e nas pistas o *hit* “*Que tiro foi esse?*”.

O *Apocalipse Brasileiro em narrativas e traços: as charges e as caricaturas da Laerte sobre o Brasil de 2018*, como sugere o título, é um trabalho que trata do Brasil no ano de 2018, contudo, sem a pretensão, para que não se estenda tornando-o um objeto tão expansivo e objetivamente vago de abordar todos os acontecimentos marcantes daquele ano. Assim, a escrita se pretende uma retrospectiva criteriosa dos acontecimentos dos últimos três meses de 2018 no Brasil. Foco se prendeu em uma análise de fatos em que a artista Laerte Coutinho retratou, através de suas tirinhas, situações envolvendo o contexto das eleições que marcariam por definitivo aquele ano.

Ficaram fora desta pesquisa diversos eventos envolvendo a política e a sociedade do Brasil que não faltariam argumentos para que aqui fossem inseridos. Eventos estes que de alguma forma contribuíram ou deram indícios de que o Brasil decretaria no dia 29 de outubro a escolha por Jair Bolsonaro como presidente do Brasil.

Como exemplo, no dia 16 de fevereiro o presidente Michel Temer (PMDB) decretou intervenção federal na segurança pública do estado do Rio de Janeiro, colocando como interventor o general de Exército Walter Souza Braga Netto, que passou a comandar de forma unificada todas as forças de segurança do estado fluminense, inclusive o Corpo de Bombeiros.

Pipocam indícios de como a sociedade brasileira tem um apreço incômodo por intervenção militar ao acreditar que as Forças Armadas se caracterizam por ser uma instituição incorruptível como se esta fosse dissipada dos tantos casos envolvendo corrupção que ocupam os noticiários brasileiros embora a realidade seja muito diferente como veremos a seguir.

No início do ano, Michel Temer, então presidente da república resolveu fazer intervenção na segurança pública do estado do Rio de Janeiro. Para a intervenção

em questão, o militar da reserva Walter Souza Braga Netto, que no governo Bolsonaro foi ministro-chefe da Casa Civil e ministro da Defesa, foi eleito como o interventor federal. Anos depois, em setembro de 2023, teve o sigilo telefônico quebrado pela Polícia Federal quando investigações apontaram superfaturamento na compra de coletes balísticos adquiridos por Braga Netto para a intervenção supracitada.

Reportagem da CNN Brasil informa que:

O inquérito começou após comunicação de crime das autoridades americanas ao Brasil. O TCU então encaminhou quatro documentos das compras das contratações de coletes balísticos apontando indícios de conluio entre as empresas e de estas terem conhecimento prévio da intenção de compra dos coletes pelo gabinete e estimou um valor total global do potencial sobrepreço de R\$ 4.640.159,40 (CNN, Brasil).

A intervenção, segundo Datafolha, foi apoiada por 76% da população da capital carioca (Folha, 2018) e ficaria até Dezembro de 2018 com gasto de R\$ 72 milhões de reais tendo os resultados criticados por especialistas em segurança pública. É preciso uma reflexão de que nem sempre o apego por uma governança militarista é questão de fé na idoneidade dos militares, pois, como prova o caso supracitado, o mero uso de um tecido verde oliva não garante em nada atributos de consciência e respeito ao erário público. Muitas vezes a preferência aos militares no poder se justifica quando parte da sociedade brasileira entende que os militares são antagônicos aos preceitos que a esquerda representa uma vez que a esquerda brasileira tem sofrido ataques sistemáticos de grupos hegemônicos do país.

As manifestações em apoio aos militares no poder é encabeçada e organizada por setores da classe média em uma tentativa de retirar do cenário político a esquerda, sintetizada na figura central de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, e o que representou e continua a representar seus governos no que diz respeito às políticas de distribuição de renda, expansão de crédito e programas sociais.

Os avanços sociais que fizeram a classe média dividir espaço (universidades, aeroportos, viagens internacionais entre outros) com quem ascendeu das classes menos favorecidas e que agora passa a ocupar este mesmo patamar de consumo e acesso incomodou aqueles que se julgavam superiores social e culturalmente. Assim, a classe média se vê ameaçada e busca no antagonismo ideológico, a extrema direita, o caminho para recuperar seus privilégios historicamente mantidos.

Se estes avanços são frutos de políticas implementadas pela esquerda, o oposto dela naturalmente se encontra a extrema direita que no Brasil é representada pelas forças armadas e seus aliados, embora, evidentemente, as forças armadas sendo um instrumento estatal e não governamental, jamais deveria cogitar assumir o poder. No Brasil isso é sempre uma ameaça e o apreço pela atmosfera militar por parte da população civil seria um dos vetores que ajudaria a decidir as eleições naquele ano como exploraremos mais detalhes a partir da página 31.

Foi um período de muitos acontecimentos marcantes na política e aqui se buscou selecionar alguns desses fatos que dão a ideia do todo. Sendo assim, os temas e os acontecimentos selecionados facilitarão que se tenha um panorama daquele que não foi um ano corriqueiro da história atual do Brasil.

2.2 MACACOS

No primeiro mês, como que nos alertando sobre o que viria, centenas de primatas como bugio, mico leão dourado e macaco-prego foram brutalmente abatidos devido a idiotice, desinformação e perversidade das pessoas que achavam serem os primatas os responsáveis pelo aumento de casos de febre amarela que vinha ocorrendo desde o ano anterior no país.

Sem o menor constrangimento ou reflexão sobre o sofrimento e injustiça causados contra a vida dos indefesos animais, alguns estados como o Rio de Janeiro presenciou cenas aterrorizadoras de humanos com pedras e paus atacando os animais.

Estas cenas representavam não a intenção de simplesmente se livrar de algum suposto perigo sanitário. A violência empregada a estes ataques eram de ódio contra os animais sem a menor consideração da condição de medo, dor e sofrimento intenso causado a eles.

O especismo antropocêntrico, segundo a pesquisadora sobre ética animal Regiane Folter, caracteriza-se pela crença de diferença entre seres humanos e outros animais, de maneira que humanos tratem outros animais desconsiderando sua característica de experimentar dor, emoção e outros sentimentos como se estes fossem peculiares apenas da raça humana.

Os bestiais que violentaram selvagemmente até a morte os macacos, provaram naquela oportunidade a capacidade infinita de covardia pela qual a raça humana se caracteriza.

É comprovado cientificamente que o macaco não é o transmissor da doença e, por ser sensível ao vírus, serve como alerta aos órgãos de saúde sobre a necessidade de vacinação humana na região de incidência dos casos em animais. Ou seja, é um aliado aos gestores públicos que podem pôr em prática programas no intuito de prevenir que casos atinjam a população humana.

Os macacos não transmitem o vírus, da mesma maneira que humanos também não; a diferença é que os primatas não saem ensandecidos e armados de pau e pedra para abater humanos estúpidos.

2.3 TUCANOS

O carnaval de 2018 nem havia acontecido e políticos de ofício e outros nem tanto como aventureiros apresentadores de programas de televisão e juízes surgiam no teatro das expectativas eleitorais. Não é novidade a investida de sujeitos das mais variadas ocupações para a disputa das urnas brasileiras. Em anos de eleições, sobretudo, as presidenciais, os possíveis nomes a concorrem são jogados ao ventilador para medir a temperatura da opinião pública e verificar a razoabilidade da candidatura. Como diz o ditado popular: Se colar colou.

O apresentador da TV Globo, Luciano Huck, à época com 46 anos, era um nome muito identificado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). O flerte com o PSDB não é só aproximação, é engajamento ideológico e intimidade com os caciques do partido. Quatro anos antes, em 2014, uma foto sua ao lado do tucano mineiro, presidente do partido, Aécio Neves, no exato momento em que o TSE divulgava o resultado que cravava a derrota no segundo turno de Aécio para a petista Dilma Rousseff ganhou as redes sociais.

Luciano Huck tratava Aécio Neves como “irmão de sangue”. Aécio Neves, o mesmo que em 2017 foi flagrado pela Polícia Federal (PF) recebendo R\$ 2 milhões em propina do dono da poderosa empresa de produtos alimentícios, JBS, Joesley Batista. A gravação da entrega da mala com a generosa quantia em dinheiro a Frederico Pacheco de Medeiros, primo do então senador, foi entregue pelo próprio Joesley Batista à Procuradoria Geral da República (PGR) como publicou o jornal O

Globo em reportagem de Lauro Jardim e Guilherme Amado, em 17 de maio de 2017. A frase de Aécio neste encontro “tem que ser um que a gente mata ele antes dele fazer delação” e o escândalo por ela proporcionado fez com que Huck se agilizasse para apagar as fotos nas redes sociais com seu “irmão de sangue”. Naquele momento já era tarde, pois a reprodução em forma de *print* nas redes sociais foi mais rápida.

Joesley Batista, como em namoros que se encerram em decepção, também teve suas fotos excluídas das redes sociais de Luciano Huck. Entre as fotos vitimadas, uma em que ambos confraternizam em um iate tendo como fundo uma ilha na qual o nome forte da JBS S.A havia comprado do casal de apresentadores Angélica e Huck. Este é o mundo em que vive e prospera o nome cogitado pelos psdebistas como citou Mário Magalhães (2019). O voo do tucano Huck foi baixo e sua candidatura não avançou.

2.4 MORO, O JUIZ QUE “COLHEU” O QUE PLANTOU

Aos olhos e ao direito constitucional, todo cidadão brasileiro cumprindo os devidos preceitos, pode - para o bem democrático – aspirar ao posto de presidente da república ou a qualquer outro cargo eletivo.

Para o então juiz titular da 13^a Vara Federal de Curitiba (PR), Sérgio Moro, soaria estranho, para não dizer golpe, já que o magistrado era o maior nome da Operação Lava Jato, um conjunto de operações realizadas pela Polícia Federal (PF) que se notabilizou por perseguir, prender e condenar políticos e grandes empresários da cena brasileira.

Nesta operação, os casos de delação premiada, em que o investigado ou réu em um processo fecha um acordo com o Ministério Público Federal MPF para contribuir com as investigações em troca de redução da pena ficaram frequentes. Não que a prática jurídica de beneficiar presos que contribuam com as investigações de crimes que tem seu nome envolvido fosse uma novidade lançada pela Lava Jato, o problema que ficou evidente é que as delações eram sempre com o objetivo de incriminar quem o juiz Sergio Moro previamente já havia determinado condenação. Segundo números do MP do início da operação em 2014 até seu término em 2021 foram realizados 209 acordos de delação.

Como explica Cláudia Maria Barbosa, professora titular de Direito Constitucional na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR): “Na verdade o Moro garante a liberdade em troca de uma delação motivada tem que delatar aquilo que ele quer ouvir (Barbosa, 2017)”.

A grande mídia, em especial o todo poderoso Grupo Globo, esteve intimamente ligada aos propósitos da Lava Jato. O jornalismo que, como de praxe de todo conglomerado televisivo, tenta passar a mensagem de isento, fez diretamente parte do espetáculo proposto pela operação de Curitiba. Como trouxe a série de reportagem do *Intercept_Brasil* em 2020/21, dos jornalistas Rafael Moro Martins, Rafael Neves e Leandro Demori, revelando mensagens trocadas pelo aplicativo *Telegram* em que o braço direito da operação, o procurador Deltan Dallagnol combina com João Roberto Marinho, nome forte e herdeiro do Grupo Globo, como deveriam ser as pautas das reportagens do Jornal Nacional, principal jornal da emissora, e quando deveria ir ao ar. Para o jornal, a pauta não era apresentar a informação daquilo que vinha acontecendo para ao telespectador, se tratou de combinar quem seriam os personagens, com antecedência definir quais seriam culpados ou inocentes.

Ainda que, ao longo dos quase sete anos de atuação (2014 – 2021), houve investigações e prisões a políticos de diversas legendas partidárias e empresários ligados a políticos de várias siglas, o prejuízo ao capital político ficou restrito a um único partido, o Partido dos Trabalhadores (PT).

Afirmar que a operação Lava Jato contribuiu significativamente para que o PT fosse prejudicado não só no governo de Dilma, mas nas eleições que viriam, não é bem uma opinião ideologicamente enviesada. O próprio ex-juiz Sergio Moro revelou à Rádio Capital FM, de Mato grosso, em 29 de dezembro de 2021 que “a Operação Lava Jato combateu o PT de forma efetiva e eficaz (Moro, 2021)”. Antigos opositores políticos e algozes do judiciário assumiram, após o estrago consumado, que a operação perseguiu o PT. Por exemplo, Aloysio Nunes, que em 2016, como senador, votou a favor do afastamento de Dilma Rousseff, afirmou à Folha de S. Paulo em setembro de 2019 que a Lava Jato manipulou o processo para prejudicar tanto Luiz Inácio Lula da Silva quanto Dilma Rousseff.

O Supremo acabou por barrar a posse do Lula [como ministro¹] com base

em uma divulgação parcial de diálogo, feita por eles, Moro e seus subordinados, do Ministério Público. “Eles manipularam o impeachment [de Dilma Rousseff], venderam peixe podre para o Supremo”. (Folha, 2019, p. A12).

O mesmo Supremo Tribunal Federal que vetou Lula foi, autorizou, em situação semelhante, Moreira Franco se tornar ministro de Michel Temer em fevereiro de 2017 na então recém-criada pasta dos Direitos Humanos.

Moro havia condenado Luiz Inácio Lula da Silva em 2017 por corrupção no caso que ficou conhecido como “tríplex do Guarujá” e, seis meses antes das eleições, prenderia Lula. O primeiro ex-presidente preso por crime comum na história do Brasil acabando assim com a possibilidade de o petista tornar presidente pela terceira vez naquele ano. Lula era o favorito nas intenções de votos e o juiz da capital paranaense jamais fez muito esforço para esconder que Lula era um adversário político de seus interesses.

O fato de um magistrado perseguir sistematicamente e prender o principal candidato da esquerda, líder das pesquisas de intenção de voto para vencer as eleições, se colocar abertamente ao lado de adversários políticos de seu alvo, interferindo diretamente nas eleições e se colocando como alternativa de voto não pode ter outro nome se não golpista e criminoso.

Moro acreditou que seria possível e tinha seus motivos para tanto. Segundo Magalhães (2019),

[...] não lhe faltariam eleitores. Pesquisa Datafolha do finzinho de setembro de 2017 estabeleceu Moro como o único antagonista, num segundo turno renhido, que lograria empatar com o agora possivelmente inelegível Luiz Inácio Lula da Silva, iguais pela margem de erro, o ex-presidente recolheria 44%, e o juiz, 42% dos sufrágios. Lula bateria Geraldo Alckmin, João Doria, Marina Silva e Jair Bolsonaro. O levantamento foi feito antes da condenação do petista a 12 anos e um mês de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro, no Tribunal Regional Federal da 4ª Região. E depois da decisão de primeiro grau em que Moro o sentenciou pelos dois crimes (Id, 2019, p. 40).

Sérgio Moro tal como Luciano Huck ficaria pelo caminho sem alcançar o Planalto, mas a direita, a mídia dominante, a classe média e o empresariado brasileiros ainda buscariam por uma opção para fazer frente ao Lula, ou, com este

¹ Em maio de 2016 uma conversa entre Dilma e Lula foi interceptada ilegalmente pelo juiz da operação Lava Jato Sergio Moro. Na época Lula iria assumir a Casa Civil, mas acabou sendo impedido pela justiça. (Chade, 2022).

fora do páreo, um indicado por ele. O escolhido seria Jair Bolsonaro, um político medíocre do baixo clero, falastrão e principal viúva da ditadura militar. Vencedor das eleições presenteia, ao agora ex-juiz Sérgio Moro, o Ministério da Justiça. “Os milhões que dele divergem ou desconfiam não poderiam mais se queixar de que o juiz faz política na tribuna errada (Magalhães, 2019, p.44)”.

Em 2021, com três anos de atraso o Superior Tribunal Federal anulou todas as condenações da Lava Jato contra Lula por considerar que a Vara de Curitiba não tinha competência julgar o caso. Ainda, declarou que o então juiz Sergio Moro não foi parcial ao condenar Lula.

O ex-juiz agiu mal e inescrupulosamente.

Espera-se que aquele que integra a magistratura, tornando Juiz de Direito, atenda aos requisitos criteriosos da norma culta da língua escrita e falada de seu país. Erros grosseiros com a norma culta da Língua Portuguesa são bastante usuais em se tratando da figura de Sergio Moro. Em audiência pública em 2019 foi capaz de cometer dois erros crassos na mesma frase: disse ‘conje’ quando quis dizer “cônjuge” e logo em seguida quando deveria dizer “vier”, pronunciaria ‘vim’, cometendo um erro comum às crianças em processo de letramento e alfabetização. Em março de 2018, em entrevista ao programa Roda Viva da TV Cultura, Sergio Moro falou em “colheita”, em vez de coleta, ao se referir a provas contra Lula. No caso da “colheita de provas” talvez nem tenha sido mais um de seus erros usuais, quem sabe uma confissão: colher as provas o que planta.

2.5 “FAZER O TRABALHO QUE A DITADURA NÃO FEZ”

Confere-se a Martin Luther King a frase “o que me preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons”. A genialidade precisa que na frase encontra traz à reflexão as ameaças frequentes com que figuras públicas praticam contra desafetos de ocasião sem o menor constrangimento.

Em 1999, Jair Messias Bolsonaro vociferou ao vivo em entrevista à TV Bandeirantes, em um gesto absurdo e incoerente uma vez que o mesmo pretendia - e conseguiu - seguir carreira política através das urnas, que “através do voto você não vai nada nesse país” e que as coisas só iriam mudar quando uma guerra civil fizesse o trabalho que a ditadura não fez “matando uns 30 mil a começar por FHC”².

Fernando Henrique Cardoso à época era o presidente da república.

Em cerimônia das celebrações da passagem para a reserva, dois meses antes de ser anunciado como vice-presidente na chapa com Jair Bolsonaro em 2018, o general Antonio Hamilton Martins Mourão defendeu “expurgar da vida pública” desafetos políticos como o então presidente da república em exercício Michel Temer.

Pode-se notar que ameaçar matar presidentes na vigência do exercício fez escola. Ameaças de morte contra qualquer pessoa não poderiam ser toleradas como tem sido, sobretudo, partindo daqueles que se elegem a cargos de representatividade junto ao povo e precisam promover políticas de Estado que defendam a vida e os direitos humanos, embora tanto Jair Bolsonaro quanto Hamilton Morão sempre fizeram declarações que abonassem a tortura e a violação dos Direitos Humanos. Se os poderosos estão sob ameaças, o que dirá do cidadão comum? Quando os maus gritam ameaças, o silêncio dos inocentes coloca todos em perigo.

Quase quatro décadas depois da abertura política o Brasil parece não conseguir virar a página da ditadura militar. É como se a abertura “lenta, gradual e segura” proposta pelo ditador Ernesto Geisel, que governou entre 1974 e 1979, teria sido tão lenta e gradual que o cidadão brasileiro ainda não consegue diferenciar entre ditadura e democracia embora haja um antagonismo entre os dois regimes de governo. Além disso, as crises pelas quais o Brasil ainda enfrenta, como a insegurança nas cidades, a pobreza e os escândalos de corrupção, geram descréditos do povo em relação às instituições democráticas assim como a ideia de que a democracia não é capaz de resolver os problemas do país.

Assim, as Forças Armadas, guiadas por um sentimento de patriotismo e amor à pátria, seriam o único caminho para livrar o Brasil dos atrasos de toda sorte, sendo inclusive, a guardiã dos costumes morais conservadores que estariam ameaçados pelo fantasma do comunismo que, na construção do imaginário coletivo sustentado pela direita e o sistema capitalista, trata-se de um inimigo comum a ser combatido.

2.6 O OVO DA SERPENTE

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VRzVMcOdK1I>>. Acesso em: 03 de out. 2023.

No contexto dos graves e insistentes problemas estruturais de longa duração por que o Brasil enfrenta como a corrupção política sistêmica e a violência urbana, não faltam no cenário, por oportunismo eleitoral, aqueles que vendem soluções fáceis para esses problemas que se sabem complexos justamente por ser parte de uma estrutura mais profunda e secular da sociedade, assim, não cabível de solução simplória. Os ditos “salvadores da pátria”, ao prometerem reparo àquilo que acomete a sociedade caem no gosto da população que por sua vez entende que o problema vai ser resolvido imediatamente quando o poder estiver regido pelos militares.

Ainda existem os problemas intangíveis, no entanto, sem solução simplesmente porque não existem, e que permeiam o campo das conspirações. A “ideologia de gênero”, “marxismo cultural”, “mamadeira de piroca” entre outras fantasiosas e inexistentes situações são usadas pelos formadores de opinião ligados e/ou financiados pela direita e que propagam e fazem com espantosa facilidade seus seguidores acreditarem que se tratam de reais problemas que colocam o Brasil sob ameaça.

Assim, as Forças Armadas, vistas como desvinculadas do “sistema corrompido” e à parte dos vícios do poder, seriam a solução para deixar o país livre da corrupção. Um pensamento indubitavelmente ingênuo, preguiçoso, mau caráter e, sobretudo demagógico porque muitas vezes aqueles que bradam por resolver estas situações são os mesmo que tiram proveito da mesma como no caso dos militares envolvidos em esquemas de desvio de dinheiro como já foi exposto na página 23.

Apoiadores deste salvacionismo militar representam uma considerável parcela de cidadãos, na maioria homens brancos e frustrados com a representação política e que buscam salvação na antipolítica, uma vez que, existe um esforço para que a imagem destes esteja desvinculada do arcabouço político vigente. Levantando a bandeira que os representa com o *slogan* “Deus, pátria e família” e com frequência “liberdade”, o mesmo usado pelo movimento com forte influência do fascismo italianom, Ação Integralista Brasileira (AIB), comandado por Plínio Salgado na primeira metade do século XX, como aparece no “Manifesto de 7 de OUTUBRO” de 1932:

Deus dirige os destinos dos povos. [...] O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da **Família**, da **Pátria** e da Sociedade. [...] toda superioridade provém de uma só superioridade que existe acima dos

homens: a sua comum e sobrenatural finalidade. **Esse é o pensamento profundamente brasileiro, que vem das raízes cristãs** da nossa História e está no íntimo de todos os corações [grifo nosso] (Manifesto de 7 de outubro de 1932, Ação Integralista Brasileira).

O fascismo, surgido durante o contexto italiano da I Guerra Mundial, na Itália, com característica de governo totalitário e absolutamente nocivo a grupos étnicos minoritários ou de posicionamento progressista, foi responsável pela morte de milhões de europeus na primeira metade do século passado. Portanto, seria razoável pensar que, com a derrota do Eixo na II Guerra Mundial, o nazifascismo deveria permanecer enterrado em um passado inacessível e ninguém ousaria desenterrar. Talvez a cova jamais tenha sido fechada.

Se considerar que o fascismo pertence um período conjuntural superado da história de um século atrás, nos últimos anos tem ocorrido uma onda neofascista pelo mundo em países que seus representantes e parte de seu povo de alguma maneira atentam para a quebra da ordem constitucional, buscam centralizar o poder, propagam discursos extremistas e afetam a vitalidade de suas democracias. Em 2018, inflamado pelo discurso e atitude extremistas do candidato à presidência Jair Bolsonaro, o Brasil experimentou as ameaças do novo fascismo.

Em dezembro de 2018 a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) foi invadida por pessoas que se autodeclaravam “integralistas” exatamente como os fascistas liderados por Plínio Salgado, fundador da Ação Integralista Brasileira. O objetivo do grupo invasor que não se preocupou com o anonimato ao passo que filmou os atos e expos na internet era retirar e queimar qualquer bandeira ou cartaz trazendo mensagens contra o fascismo. Sim, eles estavam incomodados com um grupo de estudantes que não queria o fascismo na sociedade brasileira.

Os ladrões das bandeiras repetiram no vídeo a velha saudação, com o braço estendido para o alto e para frente. É cópia quase idêntica da saudação romana, horizontal, dos adeptos de Mussolini (Magalhães, 2019, p. 288).

Os integrantes daquele movimento da década de 1930 ficaram conhecidos como *camisas-verdes* em referência às cores dos trajes que usaram. Os atuais seguidores de Jair Bolsonaro, que não por acaso empregam a mesma tríade “Deus, Pátria e Família”; no contexto contemporâneo, não são camisas verdes que os representam, mas amarelas. No primeiro, os opositores os chamavam de galinhas-

verdes, agora seus imitadores são reconhecidos por outra ave, o Pato da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) que patrocinou o golpe promovido por Michel Temer e Eduardo Cunha contra a então presidenta Dilma Rousseff em 2016.

2.7 JUNHO DE 2013

A extrema direita brasileira não quis ser associada ao nazismo. Pior que isso, como se não fosse bizarro, buscou contrariar toda a lógica e a história propagando que o regime nazista e Hitler eram na verdade [sic] de extrema esquerda. Não irei neste texto expor a diferença entre extrema direita e esquerda, tampouco esclarecer aquilo que sequer há dúvidas: Nazismo é de direita! Mas esta situação alcançou patamar tão aberrativo que os bolsonaristas tiveram a insensatez de descreditar a própria embaixada alemã que havia gravado um vídeo esclarecendo o porquê que o nazismo é de direita. Sim, os brasileiros tentaram ensinar a Alemanha sobre aquilo que eles viveram e infelizmente ainda convivem. Brasileiros encheram o vídeo da embaixada alemã dizendo que os alemães estavam enganados sobre o nazismo e que o holocausto [sic] jamais existiu. Negar o holocausto na Alemanha é crime.

Diante da situação constrangedora o embaixador alemão no Brasil, Georg Witschel, em vão buscou esclarecer: "o holocausto é um fato histórico, com provas e testemunhas que podem ser encontradas em muitos lugares da Europa". A tentativa diplomática não surtiu resultado ante ao negacionismo irreversível. Talvez se experimentassem se apresentarem como comunistas diante de um grupo neofascista nos guetos de Berlim eles ficariam menos certos da estupidez que reproduzem.

Foram doze meses, um ano e muitas batalhas. "O que é fascismo?" foi a pergunta mais frequente no *Google* do Brasil seguida de "o que é intervenção militar?". Não foi fácil viver o ano que desafiou o Estado de Direito e flertou intensamente sua ruptura. O ano em que vozes tentaram ser silenciadas, ativistas políticos foram assassinados, como a vereadora carioca Marielle Franco, a mando de milicianos ligados a políticos da direita do estado do Rio de Janeiro. O ano em que o simples fato de se manifestar contrário ao candidato da extrema-direita Jair Bolsonaro poderia ser fatal como aconteceu com o célebre mestre de capoeira da

Bahia Moa do Katendê que, segundo a Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA), foi morto após se dizer contrário ao candidato à presidência Jair Bolsonaro.

No filme *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain* (2001), de Jean-Pierre Jeunet, em um momento difícil da sua vida a protagonista Amélie diz que “são tempo difíceis para os sonhadores”. De fato foi difícil aos que sonharam e ainda mais difícil aos que se levantaram em defesa da democracia, da liberdade, por igualdade, direitos já estabelecidos, justiça e pela vida. Difícil para àqueles que tentaram dizer a verdade fosse ela mais evidente e translúcida como no caso dos alemães tentando explicar aos bolsonaristas o que é o fascismo sem sucesso. Como diz a quarta capa de Mário Magalhães: “o ano em que o Brasil flertou com o apocalipse”.

Com efeito, para entender este período precisamos antes retroceder a no mínimo três eventos indispensáveis que antecederam o que culminariam as eleições daquele ano, sendo eles: as manifestações de junho 2013 “jornadas de junho”, a Operação Lava Jato e o impeachment de Dilma Rousseff em 2016.

As jornadas de junho de 2013 iniciaram na quinta-feira, 06 de junho, em São Paulo. No princípio sua pauta era restrita ao aumento de 20 centavos na tarifa de ônibus e metrô. Logo as manifestações ganharam não só os grandes centros, mas centenas de cidades do país enquanto uma profusão de outras demandas foi incorporada como, por exemplo, exigência de escola e hospital padrão FIFA - já que estádios de futebol construídos para a copa do mundo que ocorreria no país em 2014 têm a exigência do chamado “padrão FIFA” de qualidade -, combate à corrupção, fim de privilégios da classe política e pautas antidemocráticas como intervenção militar no governo.

Na organização dos protestos se destacaram militantes que se autodeclaravam apartidários como o Movimento Passe Livre (MPL), organizadores iniciais dos atos e o Movimento Brasil Livre (MBL). Quando os partidários buscaram se incorporar ao movimento, incluindo políticos, principalmente de esquerda, estes foram repelidos e as bandeiras partidárias rasgadas, mas, sem surpresa, alguns líderes do MBL, como Fernando Holiday e Kim Kataguiri, se elegeriam nas eleições que se seguiam na mesma onda que elegeu Bolsonaro.

O uso das redes sociais nesses levantes proporcionou uma forma potente de engajamento, alcance e independência de divulgação à medida que eram transmitidos simultaneamente e compartilhados com centenas de milhares de

internautas como também contribuiu para engajar usuários das redes para endossar o movimento nas ruas.

A imprensa tradicional logo buscou associar os integrantes mais exaltados que participaram das ações aos partidos de esquerda, mesmo que desde o início os organizadores do Movimento Passe Livre (MPL) tentassem desvincular qualquer partido político ao movimento.

Figura 1 - Manifestações na av. Paulista.



Fonte: Folha de S. Paulo 13 jun. 2013.

No dia 07 de junho, sexta-feira, a Folha de SP trouxe na capa uma foto da Avenida 23 de Maio bloqueada por manifestantes. No primeiro plano da imagem, em destaque, percebem-se focos de incêndio no asfalto sugerindo destruição e caos. O leitor atento notaria que o que ardia em chamas não eram carros ou algo parecido e sim caixas de madeira e papelão imitando catracas. Na descrição da foto a legenda “Manifestantes liderados pelo Movimento Passe Livre, ligado a estudantes, ao PSOL, e ao PSTU, queimam catracas de papelão na avenida 23 de Maio.”

No segundo dia de protestos a Folha de SP publicou na seção *Cotidiano* (B1) que “Novo ato contra tarifa faz até colégio fechar mais cedo” em tentativa bem clara de colocar a opinião pública contra o movimento já que estaria impedindo crianças

de frequentarem escola causando, assim, prejuízo ao aprendizado dos alunos e transtorno aos pais com o impedimento de deixar seus filhos no estabelecimento de ensino.

Em outra seção do dia 07, Mercado1 (B3), o título “Grupo Passe Livre foi apoiado por petistas em 2011”, após tratar de vandalismo, perturbação da ordem pública e impedimento de escolas, é publicada a matéria ligando os atos ao Partido dos Trabalhadores, curiosamente, o partido mais prejudicado pelo levante já que o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, e a presidenta da república, Dilma Rousseff, eram do PT. As pautas do movimento ficaram em segundo plano e embora as manifestações buscassem, em tese, atacar o modelo político como um todo a imprensa fez um esforço para colocar o peso dos atos em cima do Partido dos Trabalhadores.

O clima de descontentamento com a política culminou em descrença às lideranças políticas e institucionais no qual “os principais partidos políticos estavam perdendo apoio, o que certamente refletiria em termos de desempenho eleitoral. Isto é, esta elite estava abrindo espaços que poderiam ser ocupados por outras forças.” (Vasquez, 2021). Assim, legendas tradicionais como PSDB e MDB passaram a disputar espaço com outras – consideradas nanicas - que até então tinham resultados inexpressivos. Em 2018 o PSL elegeu a segunda maior bancada na Câmara. Elegeu também um candidato sem expressividade no cenário nacional para presidência da república, Jair Bolsonaro.

2.6 *IMPEACHMENT* DE DILMA “COM SUPREMO, COM TUDO”.

Naquele ano, se o rito democrático e institucional tivesse preservado a legalidade, Dilma Rousseff estaria cumprindo seu último ano do segundo mandato de presidenta da república. Ela já não ocupava o cargo desde 2016, quando o país passou a ser governado pelo até então vice-presidente Michel Temer que após um processo de impeachment, o golpe, passou a ocupar a presidência.

Em 2015, o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, de mesmo partido de Michel Temer (PMDB), aceitaria a denúncia contra Dilma Rousseff por crime de responsabilidade encaminhada pelo procurador de justiça aposentado Hélio Bicudo, e os advogados Janaína Paschoal e Miguel Reale Júnior.

Em uma democracia presidencialista, ou seja, que o presidente é eleito pelo voto direto do povo, nada justifica que o chefe do governo seja destituído do poder caso este não tenha comprovadamente cometido um crime grave contra a administração pública. Manobras fiscais não parece o caso. A crise econômica que de fato acontecia não é motivo pra impeachment, caso contrário, quase nenhum presidente terminaria o mandato numa economia tão vulnerável à crises como é a do Brasil.

De acordo com o portal Senado Notícias:

Embora com baixa popularidade devido à crise econômica e política pela qual o país passava, Dilma governava com uma ampla base aliada no Congresso, sendo o PT a segunda maior bancada. No dia 2 de dezembro de 2015, mesmo dia em que o PT declarou apoio ao processo de cassação de Eduardo Cunha no Conselho de Ética, o ex-presidente da Câmara anunciou o acolhimento do pedido de impeachment contra a presidente. (Agência Senado, 2016)

O fato do pedido de impeachment ser aceito exatamente no mesmo dia em que a bancada petista ter declarado apoio ao processo de Cassação do então presidente da câmara, o influente e articulado deputado Eduardo Cunha, em si cria justas dúvidas sobre a lisura e reais motivos de toda a manobra. Sendo assim, o teatro que envolveu políticos de oposição, o judiciário e a mídia ficou conhecido com o vergonhoso e apropriado nome de Golpe. Como escreveu uma referência na cobertura de crimes contra a administração pública, Janio de Freitas, em sua coluna na Folha de São Paulo, no primeiro dia de mandato de Temer:

Os que negam o golpe o fazem como todos os seus antecessores em todos os tempos: nenhum golpista admitiu ser participante ou apoiador de um golpe. Desde o seu primeiro momento e ainda pelos seus remanescentes, o golpe de 64, por exemplo, foi chamado por seus adeptos de “Revolução Democrática de 1964”. Alguns, com certo pudor, às vezes disseram ser uma revolução preventiva. É o que faz agora, esquerdista extremado naquele tempo, o deputado José Aníbal, do PSDB, sobre a derrubada de Dilma: “É a democracia se protegendo”. Dentre os possíveis exemplos pessoais, talvez nenhum iguale Carlos Lacerda, que dedicou maior parte da vida ao golpismo, mas não deixo de reagir com fúria se chamado golpista. (Freitas, 2016, p. A14).

Após a destituição de Dilma, a Lei de Responsabilidade Fiscal foi modificada por sete leis complementares de 2016 a 2021 deixando de ser crime a chamada pedalada fiscal (Poder 360, 2021). Semanas antes de a Câmara autorizar a abertura do impeachment o então ministro do Planejamento, Romero Jucá (PMDB), foi

gravado em conversa particular com o empresário Sérgio Machado em que Romero dizia “tem que mudar o governo para estancar essa sangria” (Nery, 2016). A lei que valeu pra ex-presidente não interessava mais.

CAPÍTULO III: QUEM É LAERTE COUTINHO?

3.1 VIDA E PRODUÇÃO

Laerte de Souza Coutinho, popularmente conhecida como Laerte Coutinho, nascida em 10 de junho de 1951, em São Paulo, é uma das mais conceituadas e premiadas quadrinista, cartunista e chargista da arte gráfica no Brasil. Simplesmente não é possível falar da história dos quadrinhos brasileiros sem citar a mulher trans que se reinventou após os cinquenta e oito anos.

Figura 2 - Cartunista Laerte Coutinho.



Fonte: Revista Galileu. Autor: Rafael Roncato. Ano: 2014.

Com mais de 60 anos de carreira, criou uma extensa variedade de personagens abordando questões como gênero, sexualidade, política e cultura marcadas por um olhar crítico, criativo sem se desconectar de questões sociais e ambientais. Acumula mais de 31 prêmios e 08 exposições³ se tornando uma referência no universo dos quadrinhos e uma das mais admiradas nas artes gráficas brasileira.

³ Dados retirados do *site* oficial da cartunista Laerte Coutinho “Manual do Minotauro”. Disponível em: <<https://laerte.art.br/sobre/>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Nos anos 1960, na Universidade de São Paulo (USP), passou pelos cursos de Música e Comunicação, Cinema e Teatro sem concluir nenhum deles.

Em sua longa carreira, é uma das fundadoras d' *O Pasquim* em 1969, revista considerada um ícone da imprensa alternativa desafiando a Ditadura Militar em plena vigência do Ato Institucional n. 5 (AI5)⁴ durante o governo Costa e Silva (1967 – 1969) que marcava o momento mais cruento da ditadura brasileira.

Ao lado de outro acadêmico da USP, Luiz Gê, criou a revista *Balão*, pioneira nas histórias em quadrinhos não destinados ao público infantil e que se tratava de uma “revista-laboratório onde a gente aprendia como editar como fazer fazendo a revista” (Laerte, s/d, p.2). Em 1978, com outros colaboradores, fundou o *Oboré* que se trata de uma cooperativa de jornalistas e artistas que segue atuante em prol de movimentos sociais e operários na montagem de seus departamentos de imprensa e na divulgação de seus jornais, folhetos e demais produtos. Seus trabalhos são marcantes também n' *O Bicho*, revista fundada em 1975 que ironizava o costume conservador de seu tempo.

Nos anos 1980, Laerte criou a revista *Piratas do Tietê*, com edição de 1983 até o final da década de 1990, trabalho este de maior destaque e mais reconhecido de sua carreira ao qual marca uma geração inteira de leitores com personagens saqueadores que navegavam o rio Tietê cometendo crimes de pirataria. Em entrevista à *Ilustrada da Folha de São Paulo* em 2007, Laerte declara que seus personagens se encaixam perfeitamente numa história urbana brasileira crítica e atual. “Todo dia vemos exemplos de como nós, enquanto cultura, somos flexíveis ao ponto da pirataria e das regras e normas. A pirataria é muito compreensível para qualquer um no Brasil (Laerte, 2007)”. Atualmente *Piratas do Tietê* tem sua coluna publicada na *Folha de São Paulo*, mas sem relação com os personagens que se fizeram famosos na época da revista.

Como um pirata insubordinado que navega mares ignorando fronteiras, Laerte se caracteriza por ser uma profissional diversa. Foi roteirista de programas de televisão na Rede Globo como *TV Pirata* (1988 – 1990), *TV Colosso* (1993 – 1997) e

⁴Publicado em 1968, o Ato resultou no fechamento do Congresso e Assembleias Legislativas, cassou centenas de mandatos políticos, instituiu censura prévia e acirrou a violência da ditadura iniciada em 1964.

Sai de Baixo (1996 – 2002). No Canal Brasil, inaugurou sua fase “apresentadora” com o programa “Transando com Laerte” (2015 – 2018).

Em 2012, estrelou o curta-metragem de ficção “Vestido de Laerte”, dos diretores Claudia Priscila e Pedro Marques, em que Laerte percorre a cidade de São Paulo em busca de uma identidade própria. Ainda na linha dos cinemas, em 2017 o documentário “Laerte-se”, dirigido por Lygia Barbosa e Eliane Brum, relata a intimidade da cartunista e sua busca pela autoaceitação da sua transexualidade.

Em programas de entrevistas, por duas vezes esteve em *Provocações* (2011 e 2022), *Roda Viva* (2012), *Café Filosófico* (2016) transmitidos pela TV Cultura e *Conversa com Bial* (2017), pela Rede Globo. Em 2021, quando completou 70 anos, lançou seu *site* oficial que conta com postagens de tiras quase diárias, acervo e exposição à venda de seus produtos. No mesmo ano, foi homenageada pela *Comic Com Experience* (CCXP) 21⁵, ano também em que lançou pela Cia das Letras o livro *Manual do Minotauro*, que reúne mais de 1500 tiras publicadas entre 2004 a 2015.

O pesquisador em comunicação Diogo da Fonseca (2013) enaltece que:

Se os dez maiores quadrinistas do Brasil fossem intimados a escolher o mais inventivo dos quadrinistas em atividade do país, provavelmente nove deles apontariam o nome do autor paulista Laerte Coutinho – e a exceção seria o próprio Laerte, que jamais se escolheria (FONSECA, 2013, p.39).

Irreverências à parte, Laerte é de fato considerada pelos cartunistas de todas as gerações como magnífica. Por exemplo, o notório cartunista *Angeli*, outra grande referência dos quadrinhos nacional a classifica como “genial”, ambos foram parceiros na criação da revista Piratas do Tietê. Artistas mais novos como André Dahmer - criador da seção “Laerte monumental” no próprio *site* Manual do Minotauro e no *twitter* – dedica a ela certa adoração: “Laerte é Deus” (FONSECA, 2013, p).

Em sua longa carreira de prêmios⁶ estão:

Prêmio Angelo Agostini, nas categorias:

- *Desenhista* (1986 e 1999);
- *Lançamento* (1991);
- *Roteirista* (1991, 1992, 1993, 1997);

⁵ *Comic Com Experience* é o maior festival de cultura pop do mundo que em 2022 ocupou 115 mil M², o que equivale a 16 campos de futebol.

⁶ Dados informados por e-mail <info@laerte.art.br> pela equipe Laerte – O Manual do Minotauro. Em 8 de jun 2022.

– *Mestre do Quadrinho Nacional (2003)*.

Troféu HQ Mix, nas categorias:

- *Roteirista (1989, 1990, 1991, 1997)*;
- *Desenhista (1991, 2003)*;
- *Tira (Striptiras) (1998 e 2005)*;
- *Tira (Piratas do Tietê) (1999, 2003, 2006, 2007, 2011, 2012, 2014)*;
- *Desenhista de humor gráfico (2002, 2004, 2004, 2005, 2007, 2008)*.

Além dos prêmios supracitados nas respectivas categorias, a cartunista Laerte Coutinho também recebeu o prêmio Grande Mestre no ano de 2010 e o prêmio Ordens do Mérito Cultural, nos anos de 2009 e 2013.

Ainda, Laerte é protagonista de diversas exposições desde 1981 dedicadas à sua obra. Em 1981, esteve na “8º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em Piracicaba (SP), tradicional exposição do humor gráfico no Brasil. Em 1985 teve seu acervo apresentado no “Velha Mania: desenho brasileiro”, na capital do Rio de Janeiro. Em 1997, foi celebrada na mostra de cinema, “Festival Minuteen”, São Paulo (SP). Em 1998, a capital carioca recebeu as obras da Laerte em “A Imagem do Som de Caetano Veloso”. A exposição “Laerte Et Real”, em 2008, foi a atração carioca no Centro Cultural Correios. Em 2014, mais uma vez em São Paulo, capital, seus trabalhos e sua trajetória estiveram em visitação em “Ocupação Laerte Itaú Cultural”. Rio de Janeiro seria palco ainda de “Arte, Democracia Utopia – quem não luta tá morto”, no Museu de Arte do Rio que foi assinada por Moacir dos Anjos, um dos mais importantes curadores do Brasil.

O escopo de produção da Laerte se confunde com sua própria existência. Laerte se encontra diretamente em sua arte. Seu pensamento, sua postura diante do seu cotidiano está alinhando intimamente com seus traços. Seu pensamento progressista é sua fala, sua crítica e seu desenho.

Assim, não se furtou em por em crítica a sua própria identidade. A intimidade de seu corpo entrou em definitivo na expressão de seu trabalho quando aos 58 anos, em 2009, Laerte se reconhece mulher trans.

Ainda que o escritor desta dissertação tenha o privilégio em uma sociedade machista de não ser mulher, portanto sem compreender exatamente o desafio por que as mulheres sofrem por sê-la, é possível ao analisar os marcadores entre gêneros, mensurar o tamanho da luta que pertencer ao sexo feminino representa.

Mulheres negras, mulheres mães, filhas, gordas, mulheres... ser mulher é o que é: inaceitável na sociedade pautada pelo machismo. Dentro desta realidade a mulher Laerte se insere.

Em entrevista no dia 26 de abril de 2023 ao programa *Provoca*, da TV Cultura, ela revela ter sofrido transfobia vindo até mesmo de outras mulheres trans pelo fato de se negar a alterar seu corpo (colocar silicone nos peitos) para seu corpo se parecer mais com o que a sociedade entende como mulher.

Bia Cardoso, coordenadora do espaço digital “Blogueiras Feministas”, problematiza que:

Também me dizem que é preciso sempre lembrar que a opressão das mulheres tem origem nos seus corpos, no asco a vagina, na maneira como nossos corpos existem apenas para servir aos homens. Porém, para mim, um corpo nunca está destituído de um contexto, de um arquétipo construído em cima dele. Os corpos aceitos têm seus arquétipos, assim como os corpos rejeitados. Há palavras depreciativas para todos os corpos de mulheres, independente de ser uma mulher com buceta ou não. Se me chamam de mulher e me oprimem por isso, quero mais é estar ao lado de Laerte lutando pelo direito de que ela também seja chamada de mulher, porque é isso que quero, cada vez mais e mais pessoas se declarando mulheres e tendo muito orgulho disso (Cardoso, 2014).

Sendo assim, Laerte tem noção da luta que convive por permitir-se ser quem de fato ela é fazendo disso uma oportunidade em ter sua voz ecoada na atuação política do corpo.

Aos 72 anos, Laerte Coutinho confessa não ter mais o mesmo ímpeto que antes, ainda que continue a produzir com muita qualidade e com a mesma acidez que a tornou referência para quem consome ou produz quadrinhos no Brasil. Produzindo incessantemente desde os finais dos anos 1960, continua sua carreira até hoje embora tenha confessado, em 2023, em entrevista ao canal do *Youtube* (Galãs Feios, 2023), que tem “[...] tido momentos de cansaço, não sei se é só Covid ou a idade, mas enfim, desenhar pra mim já não vem mais como ímpeto com o que vinha”.

CAPÍTULO IV: TIRINHAS

4.1 DEFINIÇÕES E HISTÓRIA

Quadrinhos, história em quadrinhos, HQ, história em imagens, arte sequencial, tirinhas, são alguns dos termos comuns que denominam as narrativas gráficas que encontramos nos chamados gibis, nos jornais e, mais recentemente, no democrático espaço das redes sociais. O dicionário digital DICIO apresenta que história em quadrinhos é o mesmo que “história escrita em quadros pequenos, ou unidades gráficas com texto e imagem, dispostos lado a lado, em tiras horizontais ou verticais; quadrinho, quadrinhos, BD, gibi, revistinha” (DICIO, 2022). Para a definição do dicionário escolar de Língua Portuguesa, Aurélio, *quadrinho* é “cada um dos pequenos quadros que compõem uma história em quadrinhos” (Aurélio, 2000, p. 571).

As tirinhas são uma classe diferenciada das chamadas *HQs*, pois, enquanto as histórias em quadrinho normalmente são compostas com vários personagens, dispostas tanto na horizontal quanto na vertical, as tirinhas são caracterizadas por poucos quadrinhos, normalmente de três a quatro, portanto, com poucos personagens e um enredo mais enxuto.

O quadrinista norte americano Will Eisner (1997 – 2005), um dos percussores da história em quadrinhos moderna, cunhou o termo *arte sequencial* para designar as tirinhas definindo-as como “veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (Eisner, 2015, p. IX). O estadunidense, Scott McCloud (1960 -), apropria-se do termo “arte sequencial” de seu compatriota Will Eisner, destacando a distinção entre figura e quadrinhos, que, segundo McCloud:

Figuras individuais nada mais são do que... figuras. No entanto, quando são partes de uma sequência, mesmo uma sequência só de duas, a arte da imagem é transformada em algo mais: a arte das histórias em quadrinhos! McCloud (1995 p.XX).

Para facilitar o entendimento, as obras da Laerte Coutinho aqui analisadas serão tratadas com mais frequência como tirinhas, quadrinhos ou história em quadrinhos.

4.2 A ORIGEM DAS TIRINHAS

Scott McCloud (1995) traça uma linha do tempo a respeito da origem dos quadrinhos (tirinhas) pelo mundo. Segundo McCloud, a origem é muito remota, se dá muito antes deste formato comercial atual que conhecemos circulando em jornais, revistas, *sites* e redes sociais.

Em seu livro *Desvendando os Quadrinhos* (1995), McCloud escreve que no continente americano o *Códice Grolier*, uma sequência de desenhos coloridos e com falas escritas, narrando a história do militar e político 8 – Cervos “*Garras de Tigre*” foi encontrada por Hernán Cortês⁸ (1485 – 1547) por volta de 1530 (McCLOUD, 1995, p.10) tratando-se de um exemplo pré-colombiano dos quadrinhos.

Figura 3 – Manuscrito Códice Grolier (Povos Maias).



Fonte: Pueblos Originários. Maias. Por volta de 1485.

Muito antes de Cortês pisar nas areias da América Central em 1519, no Velho Mundo cinquenta e oito cenas em forma de quadrinhos narravam os eventos da conquista dos normandos sobre a Inglaterra.

⁷Garras de Jaguarica, dependendo do autor que se lê (McCloud, 1995, p. 10).

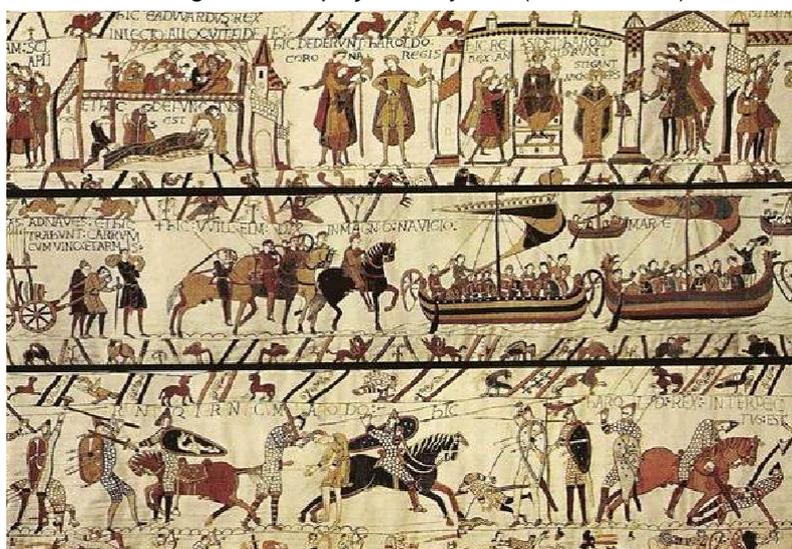
⁸ Livro Araribá 7º ano. Ed. Moderna. 2018.

Mccloud argumenta que:

Séculos antes de Cortés começar a colecionar quadrinhos, a França produziu um trabalho extraordinariamente semelhante, que chamamos de Bayeux Tapestry. Essa tapeçaria de 70 metros detalha a conquista normanda da Inglaterra que começou em 1066 (McCloud, 1995, p. 12).

Anterior à tapeçaria normanda do século IX, há quase dois mil anos, as colunas de Trajano, cerca de 113 d.C., construída na antiguidade clássica, em Roma/Itália, conta o triunfo do imperador Trajano sobre os Dácios (101 e 107 d.C.) em cento e cinquenta e cinco cenas em forma de quadrinhos em espiral que circundam todos os trinta e oito metros do obelisco em mármore nos quais romanos e dácios são representados em batalha (Imbrosi, 2021).

Figura 4 - Tapeçaria Bayeux. (1070 – 1080).



Fonte: Autor: desconhecido. Ano: 113 d.C.

Mccloud cita outros possíveis precursores dos quadrinhos como a sociedade egípcia e seus hieróglifos, a pintura grega e os arabescos milenares do Japão. Porém, para o autor, o que representa um marco importante para a vida dos quadrinhos ocorre no século XV: a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg (McCloud, p. 15, 1995).

Se no Antigo Egito apenas 4% da população eram capazes de ler, escrever e calcular sendo que a leitura dos hieróglifos era um privilégio restrito aos escribas, com a invenção da imprensa ocorreu uma gradual popularização dos materiais

impressos permitindo seu acesso por classes sociais de camadas menos favorecidas.

Então, uma maior circulação gráfica proporcionada pela invenção de Gutemberg, permitiu que as fabricações de livros e panfletos deixassem de ser manuais e artesanais evoluindo a uma produção em série e mecanizada possibilitando assim que multiplicassem com mais facilidade, qualidade e rapidez suas reproduções. O fato de que um único exemplar bem executado de uma obra por um artista talentoso pudesse ser replicado por quantas vezes fossem preciso em um processo mecanizado certamente contribuiu para melhorar a qualidade do material, assim, chamar atenção de uma parcela muito maior de pessoas. “Com a invenção da imprensa, a forma de arte que servia aos ricos e poderosos agora poderia ser desfrutada por todos” (McCloud, 1995, p. 16).

Os quadrinhos tem a vantagem de ser inclusiva, uma vez que na sua linguagem pictórica, alcança o leitor não letrado, já que os ícones (imagem, pessoa, ideia, lugar) podem transmitir mensagem com absoluto sucesso sem que o leitor sequer conheça o código de escrita. Uma pessoa incapaz de decifrar uma única letra, por exemplo, ao ver um círculo, dois pontos paralelos e um pequeno traço abaixo, imediatamente compreende tratar-se de um rosto humano, ao passo de que uma seta apontada para a esquerda informa de maneira objetiva e prática para o iletrado qual sentido ele deve se direcionar. Trata-se da relação imagem-significado (McCloud, p.31).

Figuras dispostas em sequência, portanto, ocupam o objetivo principal da informação muitos antes dos quadrinhos atuais, embora seja necessário diferenciar o uso cultural pelo qual os quadrinhos modernos são objetos que tangem cultura, mercado editorial e capitalismo.

4.3 OS QUADRINHOS MODERNOS

Atribuir um pioneirismo, uma definitiva nomeação de um criador dos quadrinhos, é desconsiderar as características do objeto em debate (quadrinhos) quando nem mesmo se tem unanimidade sobre o que é de fato esta arte, assim, quem o teria criado inevitavelmente fica a depender sobre quem define, em primeiro lugar, o conceito do que é quadrinho ou ainda a depender de algum interesse particular de intitular um pioneiro em específico.

Muitas vezes o pioneirismo é determinado através de uma arbitrariedade de uma lei, como no caso do Brasil que em 1990 deferiu a Angelo Agostini a honra em ser o precursor dos quadrinistas brasileiros através de uma lei do então deputado federal Jorge Paulo (PDT) como estará apresentado na página 50. Mesmo com algumas divergências, os candidatos ao posto de precursores são, todavia, merecedores de ocupar o posto de autores iniciais da arte dos quadrinhos.

Para o jornalista e professor do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos da Universidade de São Paulo, Álvaro de Moya (1996), falecido em 2017, os quadrinhos comerciais nascem no século XIX e seus precursores no mundo são o inglês *William Hogarth* (1698 – 1764), o suíço *Rudolph Töpffer* (1799 – 1846), o alemão *Wilhelm Busch* (1832 – 1908), e o francês *Paul Gustave Doré* (1832 – 1883) que embora este último tenha colaborado como ilustrador, em 1848, para a revista *Journal pour Rire*, se destacou muito mais produzindo gravuras para obras clássicas da literatura como, em 1861, *Divina Comédia* (Dante Alighieri), em 1863, e *Dom Quixote* (Miguel de Cervantes).

Rudolph Töpffer é considerado por Moya (1996) um dos mais importantes ilustradores do mundo. Töpffer criou em 1827 a obra *M. Vieux-Bois*. Töpffer nomeava de *literatura em estampas* os quadrinhos. Johann Wolfgang von Goethe, primeiro crítico desta arte, considerava o quadrinista suíço “verdadeiramente muito louco, crepitante de talento e de espírito!” e se continha para “ler aos poucos para não ter uma digestão de ideias” tamanho seu talento o impressionava (MOYA, 1996, p.7). Com efeito, havia uma diferença importante entre Töpffer e Hogarth, pois, esse último criava seus desenhos e vendia-os em quadros separados, sem ter, portanto, uma sequência na mesma obra conforme se entende necessário para caracterizar os quadrinhos modernos.

Ademais, para McCloud (1995), é William Hogarth quem atinge o apogeu da sofisticação dos quadrinhos em 1731 com sua obra satirizando a alfândega e política inglesa de sua época.

McCloud avalia que:

Apesar de ter poucos quadros, essas figuras contam uma história rica em detalhes e motivada por fortes preocupações sociais. As histórias de Hogarth foram mostradas pela primeira vez como uma série de pinturas e, mais tarde, vendidas como portfólio de gravuras. As gravuras eram para ser lado a lado... em sequência (McCloud, 1995, p.16).

Wilhelm Busch publicou suas primeiras caricaturas em 1859 no semanário alemão, *Fliegenden Blätter*. No Brasil, em 1915 foi traduzida pelo “príncipe dos poetas”, Olavo Bilac – respeitando as ilustrações – batizada por Bilac de *Juca e Chico – História de Dois Meninos Travessos em Sete Travessuras (Max and Moritz)*, como sugere o título, conta a história de dois meninos endiabrados que enlouquecia seus pais, por isso, a obra fora duramente criticada pelos pedagogos (Moya, p.13, 1996). A germanista, editora e tradutora, Claudia Cavalcanti (2021), argumenta que *Max and Moritz* “é uma crítica mordaz à burguesia da época (e de sempre)”. *Max and Moritz* fora rejeitada pelos pais, contudo, consagrada pelos filhos.

Até aqui não eram explorados os personagens fixos aos quais o criador incute à sua obra uma constância de publicação, bem como uma identidade que pode ser bem definida a partir de seu humor, ocupação, comportamento e vestimentas ou de acordo com o que o criador/artista pretende demarcar. Em maio de 1895 surge o primeiro personagem fixo semanal, à qual Moya considera “a primeira e verdadeira história em quadrinho (Moya, p.24, 1996)”. Criado pelo estadunidense Fenton Outcault (1863 – 1928), e publicado aos domingos no jornal nova-iorquino *World*, um garoto que, a principio, usava um roupão azul, mas que a partir de 1896 troca por um roupão amarelo que se entendia até seus pés, e que, devido ao exagero de suas vestes, é batizado pelo público de *The Yellow Kid* (Id, p.18). *Yellow kid* (menino amarelo), pequeno moleque sorridente, levado, sem escrúpulos e dado a confusões deu origem ao modo pejorativo para designar a imprensa sensacionalista (*yellow press*), que foca em tragédias para angariar audiência e popularidade tal como acontece nos telejornais que passam-se nas tardes brasileiras com jornalistas como José Luiz Datena entre outros.

No Brasil, quando a revista Escândalo, de teor sensacionalista, levou uma vítima exposta a suas notícias apelativas a se matar, o jornal O Diário considerou veicular na sua capa a manchete “Imprensa amarela leva cineasta ao suicídio”. O chefe de reportagem, Calazans Fernandes, considerou que o amarelo ficaria brando demais tamanho a gravidade do fato e designou que fosse noticiado como *imprensa marrom* a atitude do jornal responsável pelo sensacionalismo.

“Assim, a expressão ‘imprensa marrom’ originou-se numa denúncia contra a própria imprensa marrom”, afirma [Alberto] Dines. Além de criar o novo termo, a manchete do Diário da Noite contribuiu para o fim da criminosa revista Escândalo, fechada logo em seguida (Mundo Estranho, 2018).

Por consequência, termo correspondente a este tipo de imprensa mudou de cor e passou a ser conhecida como é, *imprensa marrom*.

4.4 PIONEIRISMO DOS QUADRINHOS NO BRASIL

No Brasil, desde o Segundo Reinado (1840 – 1889), os primeiros quadrinhos conforme conhecemos já eram publicados em jornais e revistas produzidos nas grandes cidades do Império. Angelo Agostini, italiano que firmou carreira no Brasil é um dos precursores quadrinista a publicar no país, como em 1867, *As Cobranças*, na Revista carioca *Vida Fluminense*, de 1868. Sua primeira história com personagem fixo data de 1869 com o título *As Aventuras de Nhô Quim* ou *Impressões de Viagem à Corte*. Em 1876, fundaria a *Revista Ilustrada* onde viria a publicar outra memorável HQ em 1883, *As Aventuras de Zé Caipora*, igualmente com personagem seriado (Moya, 2001, p.16).

1855, portanto 12 anos antes que Agostini desenhar na *Revista Fluminense*, o francês Sébastien Auguste Sisson (1824 – 1898) publicou a história *Namoro, quadros ao vivo*, na revista *Brasil Ilustrado*, na qual narra de maneira muito divertida as diferentes fases do namoro no Rio de Janeiro da metade do século XIX (Vargas, 2015, p. 10).

Para o especialista em narrativas gráficas, Alexandre Linck (2015), Sisson inaugurou os quadrinhos no Brasil. Contudo, Angelo Agostini (1843 -1910) é com frequência reconhecido como precursor dessas narrativas no país. O que se dá, em grande medida, porque em 1984 o então Deputado Federal Jorge Paulo (PDT) apresentou um projeto de Lei que propunha que editoras e jornais publicassem 50% de material de quadrinhos de autores nacionais. Esta lei ia ao encontro dos propósitos da Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do estado de São Paulo (AQC-ESP) contra um grupo de intelectuais da Academia Brasileira de Letras (ABL) que havia proposto na oportunidade uma homenagem ao jornalista e editor Adolpho Aizen, russo naturalizado brasileiro, responsável por introduzir no Brasil as HQs norte americanas (Gomes s/d; Camopos 2015 apud Vargas, 2015, p.10-9).

Ainda em defesa do produto nacional e com a finalidade de se opor à investida da ABL, a AQC-ESP criaria em 1985 o prêmio *Angelo Agostini* e oficializaria o Dia Dos Quadrinhos Nacional em 30 de janeiro, mesma data de

lançamento de *As Aventuras de Nhô Quim* que ocorrera em 30 de janeiro de 1876. O contexto da criação do dia dos quadrinhos em 1985 coincide com a atmosfera positiva e efervescente de redemocratização do Brasil ante a ditadura militar (1964 – 1985) que estava, enfim, próxima ao término no dia 15 de março daquele mesmo ano. Assim, a AQC achou justo homenagear Angelo Agostini, um republicano e abolicionista, a Sisson, um simpático ao regime monarquista e defensor da cultura do Norte global (Id, 2015, p.10-9).

Outro fato curioso sobre a história dos quadrinhos nacionais trata-se de que o lendário personagem *Chiquinho*, da revista *O Tico-Tico* (1905 -1962), não passava de uma cópia não autorizada, um decalque do personagem *Buster Brown* (1902 – 1921), de *Richard F. Outcault* (1863 – 1928), conforme foi revelado por um grupo de desenhistas que realizariam uma exposição de quadrinhos – pioneira no mundo – em 1951 (Moya, 2001, p.24).

Em uma edição histórica de *O Tico-Tico*, comemorando o cinquentenário da revista, em outubro de 1955, a revista se viu obrigada a confirmar a armação acerca do personagem *Chiquinho*. “A cultura brasileira reconhecia que o herói nacional mais citado pelos detratores dos quadrinhos era alienígena” (Id, 2021, p.24).

4.5 O PROTOGANISMO DAS REDES

O escritor Lima Barreto (1881 – 1922) ironizou a realidade do Brasil ao dizer que “o Brasil não tem povo, apenas público. Povo luta por seus direitos, público só assiste de camarote”. Lima Barreto escreve sobre o Brasil da passagem do século XIX para o XX, período da República Velha, de um povo que não votava para fazer valer seus direitos, suas demandas, e sim para atender os privilégios mantidos pela elite política e cafeeira às custas da manutenção da miséria do povo perpetuada através do controle do voto adquiridos sob coerção dentro dos chamados “currais eleitorais”. Talvez, se o escritor carioca fosse contemporâneo ao Brasil do século XXI, sua frase continuaria irrefutável, com a diferença que a elite de hoje já não precisa necessariamente do voto de cabresto tal qual fora no século XIX para manter seus privilégios, e sim outras ações menos físicas como as redes sociais.

Uma pesquisa de opinião em 2018 do Instituto DataSenado em parceria com parceria com Ouvidorias da Câmara dos Deputados e Senado Federal apontou que

[...] a influência crescente das redes sociais como fonte de informação para o eleitor, o que pode em parte explicar as escolhas dos cidadãos nas eleições de 2018. Quase metade dos entrevistados (45%) afirmaram ter decidido o voto levando em consideração informações vistas em alguma rede social. E a principal fonte de informação do brasileiro hoje é o aplicativo de troca de mensagens WhatsApp, segundo o levantamento. Das 2,4 mil pessoas entrevistadas, 79% disseram sempre utilizar essa rede social para se informar (Agência Senado, 2019).

Em uma escala exponencial de milhões de acesso como é o caso das redes sociais, atingir o eleitorado com objetividade pode definir o resultado das urnas, De acordo com dados do Data Reportal, empresa do segmento de relatórios digitais, o *Instagram* possuía em 2018 a expressividade de 1.386 bilhão de usuários no mundo e os agentes políticos entenderam que é preciso tirar vantagem dessa capacidade.

Laerte Coutinho, fiel à sua trajetória e militância ligada aos valores progressistas, em 2108 manteve seu trabalho pautado pelas questões que estavam em ebulição no cenário político e social consonante à conjuntura do momento. Dessa maneira, suas obras sempre caracterizadas pelo teor de humor ácido, político e social foram naquela conjuntura motivo de admiração e sucesso numa parcela dos internautas; cólera e ataques em outra muito mais barulhenta e violenta: a extrema direita.

Os eleitores de Jair Bolsonaro, pessoas de valores antagônicos aos da Laerte, eram presença frequentes no *Instagram* da artista sempre que havia alguma postagem relacionada à Bolsonaro. Provoações, tentativas de confrontar fatos com fakenews estavam com frequência nas postagens. Visitavam a página @laertegenial não na qualidade de admirador, mas apenas com o intuito de provocar a artistas e seus fãs.

CAPÍTULO V: O HUMOR QUE NÃO TEM RISO

5.1 ANÁLISE DAS TIRINHAS COLETADAS

Pesquisas feitas *in loco* podem enfrentar o desafio de acesso às fontes, dificuldade em se dirigir até aonde encontram os arquivos (bibliotecas, acervos, quartéis, museus, comunidades etc.), fontes as vezes que estão em distâncias grandes e em mais de um lugar, obrigando o pesquisador se deslocar até o local de pesquisa demandando tempo, logística de ficar fora de casa por longos períodos no caso de viagens, e recursos financeiros.

Se um pesquisador nos anos 1990, quando *homepage* e ferramentas de busca na *internet* ainda eram projetos em desenvolvimentos e pouco efetivas, se propusesse pesquisar tirinhas do Caderno B de um jornal tradicional, portanto de longos anos de atuação e um acervo volumoso, precisaria pedir autorização à empresa para visitar sua hemeroteca de arquivos empoeirados, contar com a sorte de esse espaço estar organizado por período e o material minimamente preservado para então se dedicar a olhar atentamente arquivo por arquivo a fim de garimpar seu objeto pretendido.

Um esforço do qual a pesquisa realizada pela *internet* não experimenta como é o caso deste trabalho em que a pesquisa se dá a partir da análise dos conteúdos postados pela equipe da Laerte Coutinho em uma de suas páginas oficiais do *Instagram*, o contato com o material ocorre por um aparelho com acesso à *internet* e uma conta na rede social que se pretende pesquisar. Nesse sentido, o trabalho – escolar, acadêmico ou outras obras – realizado através das buscas pela *internet* permite uma facilidade que o hipotético exemplo citado dos anos 1990 não seria possível.

A página *laertegenial*, usada para a coleta das tirinhas, foi criada em 15 de março de 2016 e teve até julho de 2022, mais de duas mil publicações. Somente o biênio entre 2018 e 2019 foram quatrocentos e setenta e sete tirinhas e charges postadas, a maioria delas tratando-se de artes novas, feitas para aquela situação retratada e que estava na discussão mobilizadora da opinião pública no momento. A dinâmica das postagens era tanta que muitas vezes um evento ocorreria pela manhã e à noite a arte retratando o caso estava postada na página pela equipe responsável.

Em transe profundo

Dada a abundância dos casos a se retratarem em 2018, como já tratamos no capítulo 1, dos tantos desmandos e absurdos que desafiaram o povo brasileiro e a intrépida produção artística da Laerte, foi necessária a escolha de alguns temas e suas respectivas interpretações artísticas. Desta maneira seguem-se os eventos e as interpretações feitas pela Laerte Coutinho de algumas das passagens por que o Brasil não precisaria ter vivido.

Figura 5 - "Você está com sono, muuuuuuito sono".



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

Na figura 4, de 7 de novembro de 2018, apresentando uma charge com o mapa do Brasil em que a inscrição na faixa branca é “você está com sono. Muuuuuuito sono” e o círculo azul em espiral aritmética sugerindo que a nação está em estado hipnótico dado a falta de noção que o país se encontra em relação ao novo governo que acabara de eleger.

Ao retratar o Brasil em hipnose, sugere que o povo está em estado alterado de consciência, pois, só assim justificaria a falta de senso crítico em relação a figura a quem o povo confiou governar o país por quatro anos.

O comentário de um internauta que interage na postagem, “ficamos em transe profundo desde os anos 80 e tem gente que ainda não acordou, além de levarem os mais jovens a crerem que o meliante preso em Curitiba é o verdadeiro Messias” é significativo. Nele, o eleitor bolsonaristas se mostra saudoso da ditadura militar quando responde dizendo que “ficamos em transe profundo desde os anos 80”. Os

anos 80 marcam o fim da ditadura militar no Brasil (1964 – 1985), ou seja, o comentário elogia os tempos em que o país esteve sem democracia, um regime em que os bolsonaristas e o próprio Bolsonaro desvaloriza. No trecho “além de levarem os mais jovens a crerem que o meliante preso em Curitiba é o verdadeiro Messias”, arremata o comentário deixando claro que enquanto um é representante dos antidemocráticos, o outro (Lula) é o contraposto.

Uma escolha muito difícil

Conforme a figura 6, publicada em 01 de dezembro de 2018, seriada em três quadrinhos, um orador branco engravatado, de óculos, atrás de uma tribuna com microfone de fio discursa.

Figura 6 - Discurso no escuro.



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

No primeiro quadro, com o fundo branco, a mensagem “temos que evitar os dois extremos”. No quadro central, com o mesmo fundo, a frase “de um lado, os que apoiam a volta dos tempos sombrios, da censura, do...”, o discurso é interrompido de sobressalto. A surpresa fica subentendida devido ao uso das reticências ao fim do texto que enumerava elementos usando vírgulas.

No último quadro, com fundo preto contrapondo aos fundos brancos dos anteriores, representa que a energia e a iluminação do ambiente foram interrompidas enquanto o orador em penumbra testa, sem sucesso, o microfone com dois “tuc tuc”. A interrupção da fala no segundo quadro, o último com o microfone

desligado no ambiente no escuro, representa não apenas a escuridão, mas o sentido figurado da ausência de clareza e as trevas que é reforçado pelo fato de que o quadrinho não revelar o sujeito que apaga a luz e desliga o microfone permite ter que foi desligado de propósito por alguém que está oculto.

A charge ironiza o discurso neutro proferido pelos que se declaram isentos no contexto dos dois candidatos que despontavam para a eleição que viria.

Ficou muito bem claro nas eleições de 2018 a polarização ideológica que se apresentou para a disputa presidencial. Neste cenário em que os debates e as disputas se acirram e ganham características discursivas exaltadas e algumas vezes violentas ou que expunham preconceitos, ignorância e mesmo comportamento neofascista (como já tratamos) é que surge o que ficou conhecido popularmente como “isentão”.

Alguns optaram por não se comprometerem e expor suas preferências por vergonha, no caso daqueles que reconheciam nos princípios que se identificavam características do fascismo e não queriam estar associados a essa incomoda ideia. Outros, por conviência, uma vez por terem em seu círculo social pessoas que desaprovavam a conduta relacionada àquele espectro. É preciso desfazer para este caso o sentido normativo da palavra “isento”, ou seja, que não está envolvido, eximido de opinião e escolha. Neste caso, o isento ocupa sempre um lado já definido e em comum, como se jogasse no mesmo time, lutando pelo mesmo resultado, mas usando uniformes distintos.

Como atesta o historiador Guilherme Scalzilli no artigo “O ‘Isentão’ e a Neutralidade Ideológica” que:

Cabe esclarecer que não estamos no âmbito da relutância, da ambiguidade, da incerteza, do desinteresse e de outras reações compreensíveis diante de algum tema espinhoso. O diferencial do “isentão” reside tanto na postura incisiva, polêmica e amiúde raivosa nos debates políticos quanto na superfície retórica de objeção aos mesmos comportamentos. É uma espécie de *hooligan* da (falsa) neutralidade (Scalzilli, 2017).

Assim, o chamado isentão escolheu o seu lado, na maioria dos casos não será nulo, está alinhado com o projeto político da extrema direita, mas a recusa em aceitar está inserida na tentativa de evitar exposição de seu argumento.

A charge revela a falsa simetria dos lados. Eram metades opostas. Não era “uma escolha muito difícil” como sugeriu irresponsavelmente “O Estado de S. Paulo” logo após o primeiro turno de 2018. Não era pra ser nem difícil decidir entre um

professor progressista e um saudosista de velhos torturadores do passado. Se se está do lado “dos tempos sombrios, da censura” o que virá a seguir à sua escolha será o que vem no terceiro quadro da charge: A escuridão.

Opções

Na figura 7, publicada em 06 de novembro de 2018, faltando seis dias para o primeiro turno das eleições presidenciais, uma charge seriada em cinco imagens com a ilustração da Laerte Coutinho dando a opção, em balões de diálogo, de quatro possibilidades de voto e um alerta no último para que não vote em Jair Bolsonaro representado pela *hashtag* “Elenão”.

Figura 7 - Opções de voto.



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

Em cinco momentos distintos na qual nos quatro primeiros ela dá opção de voto em candidatos à presidência nas eleições de 2018, mas que exclui Jair Messias Bolsonaro (PSL-PRTB) das alternativas. No primeiro balão que acompanha a caricatura lê-se “vote Boulos 50”, enquanto as caricaturas seguintes as frases “ou Haddad 13”, “ou Ciro 12”, “ou Marina 18”. Na quinta representação a frase “Todos são votos #elenão”. Em cada enquadramento o rosto apresenta ângulo diferente da imagem anterior, ora sutilmente à direita, outrora à esquerda, sugerindo movimento que se encontra restrito ao mesmo contexto referente e à mesma sequência ao passo em que os olhos estão sempre voltados ao leitor mantendo, inclusive, a charge na perspectiva do nível dos olhos do leitor, reforçando a busca de atenção a mensagem. Nos quatro primeiros atos, o balão de mensagem tem as linhas pretas –

cor predominante dos formatos dos balões – e seu interior todo branco, cor predominante desta ilustração. Em cada uma das quatro caricaturas iniciais a cor bege completa a composição enquanto a última ocorre o inverso: o balão tem fundo bege; a caricatura, fundo branco. Esta quebra de uniformidade da última caricatura em relação às imagens anteriores, distinguindo-a das demais, serve para destacá-la já que a mensagem principal se encontra nela.

O grande debate

Em 07 de outubro ocorre o primeiro turno com Jair Bolsonaro (PSL-PRTB) recebe 46,03% e Fernando Haddad (PT-PCdoB-PROS) com 29,28% dos votos válidos. A figura 08 é uma charge na qual apresenta em destaque no extremo a frase GRANDE DEBATE: OS RUMOS DO PAÍS.

Figura 8 - Grande Debate: os rumos do país.



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

Nesta charge, uma multidão a perder de vista se aglomera enquanto cada um está olhando para o seu aparelho celular nas mãos. Embora reunidos, ninguém olha nem se comunica com ninguém. Uma escada ao lado direito leva até um palanque vazio. O cenário - a frase e a reunião de pessoas - sugere um lugar de debate, mas que na verdade a arte demonstra não ocorrer. O púlpito é sempre um espaço de fala, nele as autoridades e lideranças proferem seus discursos, evocam ideias e defendem suas posições das quais se espera que um público tome ciência. O púlpito desocupado e a multidão de cabeça baixa, ocupada com seus aparelhos celulares, expressa a ideia da falta de diálogo estruturado pela qual as eleições de

2018 se passaram. O debate se concentrou na internet, nas redes sociais, nas quais as *fakenews* se tornaram um artifício decisivo.

Em pesquisa realizada pelo DataSenado (Pesquisa: DataSenado, 2019) - instituto ligado ao Senado Federal - em parceria com as Ouvidorias da Câmara dos Deputados e do Senado, revelou que 45% dos eleitores tiveram o voto influenciado pelas redes sociais. Uma avalanche de desinformação em escala industrial foi utilizada nas eleições.

Com o uso de ferramentas de mensagens como *WhatsApp* e *Telegram* e aproveitando dispositivos de privacidade que dificultam a identificação dos criadores de desinformação, campanhas mal-intencionadas exploraram – e devem continuar - o sistema de comunicação de massa para disseminar com muita rapidez informações falsas que influenciaram no resultado das eleições 2018. Segundo a mesma pesquisa, “quase 80% dos entrevistados disseram usar o *WhatsApp* como fonte de informação” (Agência Senado, 2019).

A agência de checagem *Aos Fatos* divulgou reportagem esclarecendo que Fernando Haddad, quando ministro da Educação não havia autorizado livros que tratassem de incesto como estava sendo compartilhado (*Aos Fatos*, 2018). A mesma agência também desmentiu a informação compartilhada por Eduardo Bolsonaro (PSL) na qual um comício de apoio ao seu pai, Jair Bolsonaro, havia reunido um milhão de pessoas na avenida Paulista, em São Paulo. Dados deste tipo uma vez jogados na rede e nos aplicativos de mensagens já garantem a desinformação pretendida.

Olhos no celular

Na terça feira (23/10/2018), véspera do segundo turno das eleições presidenciais, as pesquisas de intenção de votos apontavam Bolsonaro como provável vitorioso. Certo mesmo era que o *WhatsApp* seria uma ferramenta de grande impacto neste resultado. A plataforma já havia sido indispensável para as eleições do México, em julho do mesmo ano, assim como o *Facebook* havia sido para eleição de Donald Trump, em 2016.



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.:

A charge que apresenta Bolsonaro estampado em um prédio, tendo a mão que segura um celular fazendo ao mesmo tempo o formato de uma arma, é inspirado nas manifestações a favor do então candidato ocorridas na Avenida Paulista, centro financeiro e cultural de São Paulo. A relação das plataformas de mensagem, as notícias falsas e o resultado tratados na figura 09 também estampa o Caderno de Opinião da Folha neste mesmo dia.

Sinceridades criminosas

O estilo da Figura 10 não é das mais comuns no trabalho da Laerte, com linhas mais esboçadas, resquícios das linhas nas mãos, mais caricato, com vestígios mais realistas e traços mais suaves que evidenciam muitos mais as linhas do que o plano. A caricatura aludindo Jair Bolsonaro veste terno e gravata, em pé com a mão direita apoiada sobre uma mesa enquanto a outra mão aponta para o céu com um balão dizendo “sou homofóbico, machista, racista, truculento e ignorante, mas é pra defender as crianças.”.

Figura 10 – Sinceridades criminosas



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

:

O cenário sugere uma sala de aula, com a mesa típica de professor e no fundo uma lousa.

Lançado no Dia das Crianças, 12 de outubro e fazendo fortes referências a um ambiente escolar, é uma sátira que ironiza o discurso de “proteção da família” diante da sua incoerência, pois, ao passo que se fala em proteção da família também discursa e pratica vários insultos, afrontas e ataques contra os valores que deveriam ser inegociáveis à constituição familiar.

PowerPoint

Segundo o vice-presidente da república do Brasil, Hamilton Mourão, o juiz responsável pela prisão de Lula, o principal adversário nas urnas do eleito Jair Bolsonaro, foi procurado para assumir a pasta do Ministério da Justiça semanas antes do 2º turno. Poucas horas após o fechamento das urnas, Jair Bolsonaro cita o nome de Sergio Moro como postulante ao cargo da superpasta que seria criada.

Figura 11 - PowerPoint



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

A charge de dois de novembro de 2018 se refere a data em que o então juiz aceita oficialmente a cadeira de “superministro” e entra, em definitivo na carreira política. Na arte, Moro é apresentado com os dedos entrelaçados, sentado em uma mesa, ao fundo a representação que remete aos controversos PowerPoint de 2016 em que os procuradores da então força-tarefa Lava Jato apresentaram, com teor de denúncia, ligando o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva a uma suposta organização criminosa.

Na arte, os círculos imitando o conhecido formato daquele PowerPoint se lê no espaço centralizado “Moro superministro” e em sua órbita, com setas ligando ao centro, seis círculos com as frases “acordo com EUA”, “delações fajutas”, “vazar grampo”, “condução coercitiva”, “Lula preso” e “julgar sem prova”.

Esta charge apresenta seis escândalos que permearam a operação que levou Lula à cela da Polícia Federal em Curitiba. Dentre eles, destacamos:

1. “acordo com EUA”:

Com o andar das investigações após as eleições ficou bem claro a interferência dois EUA no processo que tirou Lula das eleições de 2018 e o levou a cadeia. Em entrevista à BBC News Brasil a deputada democrata do estado da Pensilvânia, Susan Wild, signatária do Departamento de Justiça dos EUA, alegou:

Há muito tempo estou preocupada com a Lava Jato e suas consequências para a democracia brasileira - particularmente com o que parece ter sido um esforço politizado e falho para prender o ex-presidente Lula e mantê-lo fora das urnas em 2018. Se o DoJ desempenhou algum papel na erosão da democracia brasileira, devemos agir e garantir a responsabilização para que isso nunca se repita (BBC News Brasil, 2023).

Em 07/06/2021, um grupo de congressistas dos EUA pede que o país torne pública as investigações sobre como os órgãos de investigação dos EUA cooperaram com a operação cuja principal feito foi prender um forte candidato à presidência no Brasil.

2. “delações fajutas”

Refere à falta de consistência nas provas já que a condenação se deu baseada em delações que foram questionadas à medida que se provaram insustentáveis. A procuradora Ana Carolina Rezende, enviou aos colegas da operação Lava jato em 5 de março de 2016, portanto um dia depois da midiática condução coercitiva do ex-presidente Lula, uma mensagem interceptada por ataque *hacker* que dizia “precisamos atingir Lula na cabeça” o que deixa bastante claro que não há uma tentativa de julgamento justo e sim, uma caça, uma vingança ao investigado. Para o juiz Roberto Casara, um dos mais importantes juristas brasileiros, autor do livro *Estado Pós-Democrático: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*:

A delação premiada, em especial diante da importação acrítica desse instituto e da utilização pervertida no Brasil, é uma espécie de fórmula mágica para gerar condenações sem provas. Valores historicamente ligados a uma visão minimante democrática de jurisdição, como a “liberdade” e a “verdade”, tornaram-se negociáveis. E isso é muito grave, porque a delação não passa de um negócio entre um imputado, muitas vezes um criminoso, e órgãos estatais que envolvem vantagens para o primeiro em troca da informação considerada útil pelos segundos. E, no Brasil, tem-se considerado informação “útil” apenas aquela que confirma a hipótese acusatória e as certezas prévias dos inquisidores.

3. “vazar grampo”

Conversas telefônicas privadas entre a então presidenta Dilma Rousseff e seu antecessor foram reproduzidas por diversos veículos midiáticos. Na oportunidade, os petistas discutiam a possibilidade de o ex-presidente se tornar ministro da Casa

Civil. Nas gravações não tinham apenas conversas de interesse público, mas também assuntos privados de ambos, sem qualquer relevância para a sociedade. Este vazamento ajudar a formar a opinião pública contra a presidenta se tornando peça-chave para o *impeachment* de Dilma em 2016.

4. “condução coercitiva”

Faz alusão ao espetáculo circense e midiático em que se tornou o dia 04/03/2016 no qual o ex-presidente foi levado para depor em uma sala no Aeroporto de Congonhas, na ala das autoridades, normalmente usada apenas pela Presidência da República. A praxe da justiça é, segundo o Código Penal e os juristas, convidar a testemunha ou o investigado a prestar esclarecimento primeiro, e apenas em caso de recusa ou não comparecimento injustificável, ocorre a condução coercitiva. Sérgio Moro, representado na charge, fez uso desta medida sem antes fazer o convite, transformando o ato em um espetáculo provocado pelo direito penal corrompido em anuência com a imprensa.

5. “Lula Preso”

No dia 07 de março de 2018 às 18h40, Lula se entregava à Polícia Federal quase 26 horas após o prazo dado pelo Juiz Sérgio Moro. Horas antes de se entregar, o ex-presidente fez um discurso inflamado para milhares de militantes “eu vou atender ao mandado deles, porque quero fazer a transferência de responsabilidade [...] quanto mais dias eles me deixarem lá, mais lulas vão sair no país.” A imagem da sua entrega à polícia nos braços do povo correu o mundo.

6. “Julgar sem prova”

“Não tenho provas, mas tenho convicção”. A frase, que repercutiu nos meios de comunicação e redes sociais foi proferido pelo procurador Deltan Dallagnol no contexto da denúncia apresentada no PowerPoint. O fato de convocar uma coletiva para expor um investigado sem apresentar provas, mas insinuações, causou no mínimo estranheza e vai contra os preceitos legais.

Em abril de 2021 o STF anula todas as condenações da Lava Jato contra Lula. Por oito votos a três, o supremo declarou que a 13ª Vara de Curitiba não teria competência para julgar o ex-presidente, garantindo todos os direitos políticos do petista. Lula que terminou o segundo mandato com 87% de aprovação e liderava a corrida presidencial até ser impedido pelas condenações da Lava Jato foi perseguido para não concorrer ao pleito daquele ano. Sua prisão abriu caminho para a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018.

Novos políticos

Na figura 12 temos a imagem de um homem de terno portando na cabeça um *haedset*, um círculo branco sob o chão - comum quando um canhão de luz usado em espetáculos - incide sobre um palco formando atrás das pernas sombras.

Figura 12 - Novos Políticos



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

Na legenda com a frase “novos políticos”, seguido de dois balões: um de fala na cor verde com uma placa-mãe representando ciência, tecnologia, modernidade, inovação; e um balão de pensamento apresentando uma engrenagem, correntes de aço e peças mecânicas que se contrapõem ao processo tecnológico do século XXI. Os tons de cobre, como ferrugem, indicam que o pensamento é velho e superado.

A charge indica, portanto, que embora seja um suposto comício sobre a “nova política” e o político que discursa fale sobre inovação, ainda é ultrapassado e suas

ideias e atitudes não correspondem a um novo jeito de fazer política se tratando ainda do mesmo e antigo jeito de governar e lidar com a gestão.

Jair Bolsonaro, a quem a crítica é dedicada, se apresentou às eleições gerais de 2018 como se fosse renovação política. Contudo o candidato ocupa cargos eletivos desde 1988 ininterruptamente, fazendo da política uma carreira. Se a terminologia “nova política” significa renovação de ideias e novos atores, Jair Bolsonaro definitivamente em nada representa esta intenção.

Sua estratégia foi aproveitar o descontentamento do eleitor com a política e as instituições de Estado e o governo petista de Dilma Rousseff e a situação econômica para ter êxito na campanha. Inapelavelmente não é nova na política a conduta de Jair Bolsonaro; ao contrário, é o que mais se espera do conservadorismo político do século XX. O discurso falacioso o ajudou a se eleger, mas, como diz a canção eternizada por Cazuzza: “suas ideias não correspondem aos fatos (Brandão e Cazuzza, 1988)”.

Precisamos falar sobre o fascismo

Figura 13 – O ovo da serpente



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

A figura 12, uma charge que se resume a poucas e diretas informações. No cenário apenas a caricatura da Laerte, um imenso ovo e a frase com letras grandes

em negrito - que realçam a intenção: “precisamos falar sobre o fascismo.” A charge sugere serenidade pelas cores suaves do cenário ao passo que também apresenta força e objetividade pela raridade de linhas e traços grossos, letras grandes e em negrito.

Em *Júlio Cesar*, tragédia de *William Shakespeare*⁹, *Brutus* - ao aderir à conspiração contra o ditador romano que dá nome à obra - o compara ao “ovo de serpente”, que, uma vez eclodido, por sua natureza, se tornará nocivo, razão pela qual deve ser morto ainda na casca.

Inspirado em Shakespeare, o filme de 1977, *O Ovo da Serpente*, de *Ingmar Bergman*¹⁰, retrata a ascensão do nazismo na Alemanha. Dr. *Vergerus*, personagem capital da trama, em uma das cenas épicas do filme, avalia que “É como o ovo da serpente. Através das finas membranas, você pode claramente discernir o réptil já perfeito”. Desde então, o uso do ovo para se referir ao nascimento, iminência e ameaça do nazifascismo se tornou uma usual referência.

Faltando quatro dias para o segundo turno, a charge chama atenção para as ameaças do clã Bolsonaro enquanto o candidato à presidência, Jair Bolsonaro, ameaçava que “esses marginais vermelhos serão banidos da nossa pátria” e que “a faxina agora será muito mais ampla (Bolsonaro, 2018)”. Faxina significa limpar, excluir, aquilo que se considera sujo ou impuro. Em política é um termo comum em se tratando em dizimar grupos considerados “inimigos”. Adolf Hitler durante a II Guerra Mundial (1939 – 1945) pretendeu dizimar da Alemanha judeus e outros grupos étnicos e sociais dos quais o ditador considerava indesejáveis, portanto, dignos de faxina. Jair Bolsonaro denomina, toscamente, todos simpatizantes da esquerda de “comunistas”. Nenhum nazifascista jamais tolerou os comunistas.

O “ovo do fascismo” poderia ser uma publicação da República de Weimar que em meio a uma pesada crise socioeconômica, em que um personagem, ex-militar do exército, dotado de discurso de ódio, conseguiu manipular o medo da população, e, ao contar, inclusive, com a indispensável omissão da mídia e leniência do judiciário, levou aquele país a uma das mais nefastas experiências da história. Mas não é 1933, é 2018.

⁹ Dramaturgo e poeta inglês (1564-1616) foi autor de tragédias famosas como "Hamlet", "Otelo", "Macbeth", "Romeu e Julieta" e "Julio César", considerado uma das maiores figuras literárias da língua inglesa.

¹⁰ Célebre cineasta suíço nascido em 1929.

É bom recordar Bertold Brecht¹¹: “a cadela do fascismo está sempre no cio¹²”.

O fantasma da ditadura 1

Figura 14 - Fantasma da ditadura 1



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

Figura 15 - Fantasma da ditadura 2



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

¹¹ Eugen Bertholt Friedrich Brecht (1898 – 1956) cronista e teatrólogo alemão que combateu os ideias nazistas (Biasotto, 2022).

¹² Frase dedicada a Irma Grese, nazista que torturava judias judeus na Alemanha nazista durante a II Guerra. Embora a cadela da frase tenha nome e sobrenome, a frase representa um ideal, e que encontra no imaginário coletivo muitos defensores de seus ideais (Biasotto, 2022).

Figura 16 - Fantasma da ditadura 3



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

Na sequência das três charges (figuras 14, 15 e 16) existe sempre no primeiro quadro, com fundo branco, a personagem Muriel digitando no computador. Acima em todos os quadros iniciais a frase: “Os jovens da Nova Arena tentam evocar o espírito de 64...”. Na sequência sempre aparecem três jovens que evocam generais que governaram o país no período da ditadura civil militar entre 1964 e 1985 sendo eles na sequência Costa e Silva, Castelo Branco e Médici).

Os generais, para decepção dos jovens reacionários, não voltam entusiasmados com a “evocação de 64”. Costa e Silva na primeira charge, pergunta decepcionado ao fantasma do Castello Branco se “isso ai é a juventude de hoje?”.

Na segunda charge, quando solicitado pelo jovem que Castello Branco falasse a eles sobre a “revolução”, o mesmo corrige: “você dizem o golpe militar?” “A quartelada?”. Enquanto os jovens são representados decepcionados o fantasma diz: “depois que a gente morre não precisa mais enganar ninguém...” enquanto dá as costas se retirando. Em Velha Roupas Coloridas, Belchior diz que “o passado é uma roupa que não nos serve mais” e as charges sugerem também esta ideia, de que os fantasmas que assombram o presente precisam permanecer onde estão, enterrados.

O rei está nu

Figura 17 - O rei está nu



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

A figura 17 apresenta uma multidão de óculos escuros diante de um homem nu, em um ponto elevado, com os braços abertos e uma coroa sobre a cabeça a frase: “em terra de cego pouco importa se o rei está nu.” completa o cenário. Laerte se inspirou na célebre obra infanto-juvenil *A Roupas Nova do Rei*, de Hans Christian Andersen, na qual o rei, enganado por dois vigaristas que se passam por alfaiates convencem o soberano que são capazes de tecer vestimentas especiais que apenas os inteligentes podem ver. Para não assumir sua ignorância, o rei mente que está vendo a roupa e sai nu diante de seus súditos que, por sua vez, também fingem estar vendo o rei vestido. A farsa é desmascarada quando uma criança aponta a óbvia e vexatória nudez do rei.

Na charge, o governante nu está diante de uma multidão usando óculos escuros representando cegueira. Não importa a mentira, o despautério, a vaidade, os desmandos. Nada disso interessa a um povo que se nega ver as evidências.

Deus e o Diabo

Publicada no primeiro dia após a confirmação da eleição, a tirinha da figura 18 apresenta na primeira cena a figura de Deus sentado em nuvens assistindo TV; na segunda a mesma imagem é complementada com a frase: “eu estou com medo...”. As reticências da frase se completam no terceiro e último quadro no qual o Diabo aparece por detrás das nuvens, de mãos cruzadas, olha para o televisor e responde “... eu estou com medo”.

Figura 18 - Deus e o Diabo



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

As postagens da Laerte em suas redes sociais sempre são atacadas pelos *haters* que procuram provocar, agredir e ameaçar a artista e seus seguidores. A equipe que gerencia as redes, às vezes apaga, às vezes permite. Acima, nota-se um perfil que sempre comenta em tom provocativo, desrespeitoso e ameaçador. “Nasce mais um dia lindo nesse Brasil democrático! Viva Bolsonaro! Viva Ustra!”. O perfil leva a imagem do torturador Brilhante Ustra, comandante em São Paulo do Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (Doi-Codi), um dos mais covardes e cruéis agentes do Doi-Codi sendo responsável por torturar, entre outras pessoas, a ex-presidente Dilma Rousseff como lembrou Jair Bolsonaro ao declarar seu voto no golpe que derrubou Dilma em 2015.

O provocador acima usa na distópica frase palavras que representam ideias incongruentes: “Brasil democrático”, “Bolsonaro” e “Ustra” considerando que um é o símbolo algoz da ditadura de 1964 e o presidente é conhecido pelos ataques e desprezo contínuos em seus discursos contra as instituições democráticas, os valores democráticos e a liberdade.

Ninguém se importa

Figura 19 - Ninguém se importa



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

No quadrinho acima (figura 19) um homem caminha pingando sangue enquanto outro observa e diz “Ei! Você está pingando sangue!” no qual o ensanguentado responde “Tudo bem, não é meu.”. A tirinha publicada na segunda feira após o segundo turno expressa a incapacidade do indivíduo em sentir a dor do outro. O sangue que mancha meu corpo não é meu, mas é de alguém tão próximo que ao sangrar me alcança. É possível também dizer que o indivíduo manchado é o causador do ferimento, mas que sua antipatia não lhe permite sentir o mal que causou. Trata-se do retrato de uma sociedade incapaz de sentir a dor que o outro carrega. A flagrante apatia representada no caminhar do homem ensanguentado pode ser considerada o retrato do que o povo brasileiro.

Pátria a(r)mada, Brasil

Em 09 de julho de 2022 um seguidor de Bolsonaro invadiu uma festa particular e executou a tiros o aniversariante Marcelo Aloízio de Arruda que promovia uma festa temática sobre o PT.

Segundo testemunhas, e com base em câmeras de vídeo do local, o assassino Jorge José da Rocha Guarinho invadiu o local privado e reservado aos gritos de “aqui é Bolsonaro” e “Lula Ladrão” enquanto desferia os tiros que mataram a vítima. Nas redes sociais, o criminoso possui diversas postagens em apoio a Bolsonaro e foto com o filho, Eduardo Bolsonaro.

Figura 20 – Amor às amas.



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018.

Figura 21 – sonho ou pesadelo.



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018

Dois dias antes outro seguidor de Bolsonaro jogou uma bomba caseira próxima a apoiadores de Lula que se reunião no centro do Rio de Janeiro (RJ). No mês anterior, três bolsonaristas usaram um drone para lançar veneno de matar moscas sobre apoiadores de Lula que aguardavam início de evento em Uberlândia (MG).

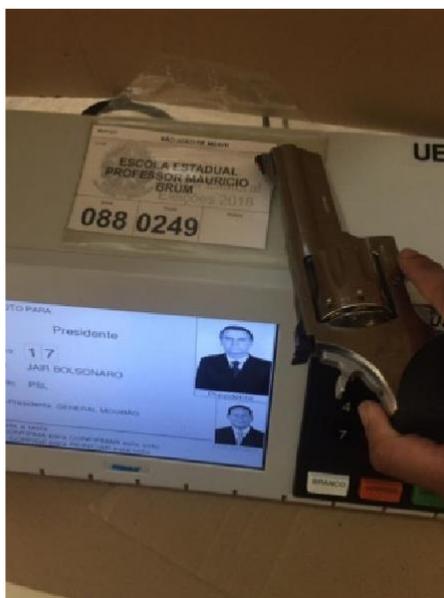
As figuras 20 e 21 fazem referência ao contexto das armas entre outras analogias peculiares a cada uma delas. A figura 20 apresenta em um único quadro um homem adulto deitado em uma cama tendo como companhia um revolver. No balão a frase do homem: “Eu te amo.” A arma está colocada sobre um travesseiro e apontada para a cabeça do homem. Ironicamente, a imagem se remete a um casal. Todavia, pode-se considerar uma crítica ao machismo que em seu discurso patriarcal se diz exaltar a companhia feminina, mas que ali está, não com uma mulher, e sim com uma arma. O fato de a arma estar apontada para a cabeça do

homem dá a possibilidade de interpretação de que, ao passo que o homem declara amor à arma, a mesma representa perigo em uma alusão de que o fato de que sua presença não necessariamente significa segurança.

A figura 20, tal qual a 19, a arma está apontada para o sujeito que a possui. Mais uma vez fazendo referência à falácia do discurso de que possuir uma arma se traduz em mais segurança. Esta tirinha, também representada de um único quadro, é a representação da eleição presidencial. Nela, uma urna eletrônica, no visor um desenho representa a foto de Jair Bolsonaro com o número da sua então legenda “17”. Uma mão segurando a arma voltada para o que se permite imaginar ser a cabeça do próprio eleitor. Esta cena é inspirada na profusão de fotos que tomaram as redes sociais no contexto da votação para presidente do Brasil no ano de 2018 em que vários eleitores bolsonaristas, de maneira criminosa, já que o Código Eleitoral determina que é crime “violiar ou tentar violiar o sigilo do voto” assim como o porte e posse de armas são restritos para alguns cidadãos. Laerte, com essa charge, em que aparece o voto na legenda 17 e a arma apontada para o eleitor, faz uma crítica explícita no sentido em que o voto em Bolsonaro representa perigo, representa o eleitor brasileiro cometendo um atentado contra a própria vida ao optar por este voto.

A figura 21 apresenta uma sequência de quatro cenas em que a primeira aparece um revólver sustentado por uma mão. Na seguinte, a mão já não está completa, é representada apenas por contornos tracejados que remetem a ideia de que está sumindo. No terceiro a mão já não existe e o que está tracejado é a arma com a munição plenamente representada no tambor tracejado. No último quadro, o único pintado em fundo branco, a munição aparece em pé dialogando com outras capsulas intactas e deitadas. Um balão direcionado à bala diz: “Gente, que sonho eu tive agora..!”. Esta tirinha representa muito bem o conflito entre o plano x realidade: parte da sociedade brasileira que planejava ter uma arma, com as dificuldades financeiras que se apresentou com o novo governo, o sonho de uma arma ficou distante da realidade e se desintegra tal qual representado nas tirinhas.

Figura 22 – Uso de armas durante a votação.



Fonte: Esquerda Diário. Autor: Desconhecido. Ano: 2018

Vários veículos de imprensa publicaram reportagens com casos em todo o país de pessoas que tiraram foto na cabine de votação e exibiram nas redes sociais. Inclusive, Eduardo Bolsonaro, filho do então candidato, pediu para que seus seguidores filmassem a urna, o que se configura crime eleitoral. O site Esquerda Diário trouxe uma reportagem “Eleitores de Bolsonaro tiram fotos com armas nas urnas”. Segundo o site, “parte da agenda reacionária do candidato passa pela legalização do porte de armas, que leva inclusive ao crescimento do valor das ações da empresa de armamento Taurus, demonstrando a satisfação do lobby das indústrias de armas com Bolsonaro.”.

O blog da Revista Veja, de correspondência no Rio Grande do Sul, trouxe a manchete: “Eleitores de Bolsonaro votam com armas e filmam urnas eletrônicas no Rio Grande do Sul (2018)”. A matéria traz um caso que ocorreu em Cachoeira do Sul, RS em que um eleitor filma o exercício do voto apertando os números com o cano da arma e depois posta nas redes sociais.

Reconrrentes

Os meses de março trazem de maneira mais aguda para um debate que é contínuo, a indigesta pauta antidemocrática e anticonstitucional referente á volta dos militares ao poder.

Figura 23 - Ditadura Militar 1



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018

É de se esperar, que um presidente que fez sua longa carreira sempre norteada pelo discurso de ataque à democracia, liberdades e aversão às instituições democráticas, faça uso desse período para avigorar suas ideias de retomada de poder pelos militares. Isso porque o mês de março é o mesmo que em 1964 marca a data do Golpe Civil-Militar de 31 de março de 1964.

Na figura 23, publicada em 06 de março de 2019, dois militares sentados em poltronas estão de costas ao leitor. Ambos contêm em suas fardas, diversas insígnias sobre o ombro esquerdo denotando tratar-se do alto comando das Forças Armadas. Os militares aparecem confortáveis em suas poltronas: Posto à direita, o militar com uma perna descansando sobre a outra e os braços deitados sobre os braços da poltrona, é acompanhado pelo que se apresenta com as pernas exatamente na mesma posição à do colega; seus braços acima dos ombros e com as mãos entrelaçadas repousando na nuca, dão a ideia de que estão ambos

seguros da expressão que sai do personagem à direita: “se tudo der certo assumimos em março”.

Em defesa do Golpe

Em concomitância com o mês em que foi veiculada a charge da figura 24, março de 2018, quando se completaram 55 anos do início da ditadura, a *Folha de São Paulo* fez um texto em seu Caderno de Opinião “Do golpe de 64 à ditadura”, que relembra os caminhos e ações provocadas no percurso dos 21 anos de abusos correspondentes ao período em que os militares estiveram no poder. Na página seguinte (A4), em Painel, Dilma Rousseff, com o título “Museu de grandes novidades”, alerta: “Não há nada a comemorar neste dia, só rezar pelos mortos e manter a certeza de que resistiremos ao autoritarismo para construir uma nação sem ódio, mágoas e perseguições.”

Figura 24 – Em defesa do Golpe



Fonte: Folha de S.P. Março de 2018.

Dilma, presa e tortura pela ditadura e retirada da presidência da República em 2016 - no que o próprio STF reconheceria em 2022 como Golpe - ainda destaca na Folha como “tempos sombrios” o chamado do então candidato a presidencia Jair Bolsonaro para celebrar a data.

Tortura

Charge da figura 25 publicada no *Instagram* no mês de março de 2018 - mês em que outras sete charges referentes à ditadura foram publicadas-, representa um ambiente de tortura.

Figura 25 - Tortura



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018:

Dois carrascos encapuzados observam a vítima amarrada a uma cadeira ligada a uma máquina de choque. Enquanto um dos torturadores segura um porrete na mão esquerda, o outro diz: “... desta vez nós fomos eleitos pra isso.”. “Eleito” está sublinhado, ganhando destaque na frase. Uma incômoda representação que se refere à significativa parcela da sociedade que saiu às ruas pedindo intervenção militar, se manifestado nas redes sociais pedindo retorno de regime de exceção, fechamento do Congresso Nacional, retorno do Ato Institucional n. 5 (AI5) entre outros.

A charge representa a naturalidade em que a tortura foi aceita como prática comum por parte da sociedade brasileira.

“Delicadeza”

Figura 26 – “Delicadeza”



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018

A figura 26, postada no dia seguinte à eleição, Bolsonaro vestido de confeitoiro, com típico chapéu e avental, uma mesa posta com vasilhas, temperos e uma cartela de ovos. Bolsonaro segura um ovo com a mão esquerda levantando com a outra uma imensa marreta na iminência de esmigalhar o ovo com o peso da marreta enquanto lê um livro com o título “como pacificar o país”.

A frase se refere ao discurso proferido logo após a vitória em que além de jurar um governo “defensor da Constituição, da democracia e da liberdade” disse que “vamos pacificar o Brasil”. Porém, embora promettesse paz e respeito à Constituição – o que se imagina trivial de um chefe de um estado democrático-, Bolsonaro acumula ao longo de seus 27 anos de vida política várias atitudes de intransigência marcada por uma retórica extremista e violenta como é possível entender ao analisar a charge.

Estado violência

Na charge 27 são quatro quadros marcados por violência e pavor. No primeiro, mãos com pedra, porrete e punhal e frase “hoje pegamos o cara da casa da esquina”. No segundo, uma pessoa debruçada na sarjeta e acima a frase “anteontem foi a mulher da padaria”. No terceiro, aparecem uma figura física sob o

chão, ponta de um porrete e a frase “semana passada, aquele rapaz da moto”. No último quadro, um ambiente escuro, dois olhos atemorizados e desconfiados fitam em direção aos quadros anteriores com a frase “fico pensando quando será a minha vez.”.

Figura 27 - Violência



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018

O fato de os quadrinhos não identificarem rostos deixa a sensação de que qualquer um pode ser a causa da violência e que a mesma pode estar próxima de nós ou internalizada.

A charge reflete o cruento momento pelo qual passava o Brasil. Segundo dados do Atlas da Violência do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) de 2018, 4 645 mulheres foram assassinadas no país em 2016, um aumento de 6,4% em comparação aos últimos dez anos desde a pesquisa. Apenas em 2016, 33 590 jovens (15 a 29 anos) foram assassinados. Nesses números, a taxa de mortalidade da população negra denuncia a forte desigualdade racial: em dez anos (2006 a 2016), a taxa de homicídios entre negros cresceu 23,1% enquanto a de não negros caiu 6,8%, ressaltando que o homicídio de mulheres negras foi 71% à de mulheres não negras¹³.

Banalidade

¹³ Dados do IPEA (Atlas da Violência) publicados em 2018. Existem dados mais atualizados que indicam uma leve diminuição, segundo o Monitor da Violência, G1, ainda que os índices sejam alarmantes.

Na figura 28, composta por quatro quadros, apresenta em todos eles um homem calvo de óculos, sentado em um restaurante lendo o cardápio enquanto uma pessoa está nua e suspensa em um pau de arara. O homem sentado à mesa em nenhum momento olha para a situação de tortura, em nenhum momento tira os olhos do cardápio. Ele chama o garçom e pergunta “tem outra mesa?”. Não há espanto ou assombro por parte do cliente, pelo contrário, absoluta apatia diante do absurdo.

Figura 28 - Banalidade



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018

A tirinha ironiza a forma pela qual a tortura, praticada como forma de repressão pelo Estado brasileiro durante a Ditadura Civil Militar, tem se tornado um assunto banal. O que deveria ser um motivo de repulsa, indignação, é, pelo contrário, aceita e desejada por muitas pessoas como na representação da tirinha. Manifestações pedindo volta da Ditadura, fechamento do STF entre outras são vistas aos montes e tratadas com naturalidade por muitos.

Para lembrar Jair Bolsonaro, embora sarcasticamente tenha se candidatado para presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara em 1998, jamais escondeu seu fascínio por regimes de exceção e tortura. Para citar três terríveis exemplos, no mesmo ano de sua polêmica candidatura à Comissão dos DH, declara à revista Veja que “Pinochet deveria ter matado mais gente.”. Em maio de 2009, colou um cartaz na entrada do seu gabinete na Câmara dos Deputados que causou polêmica em que dizia: “Desaparecidos do Araguaia? Quem procura osso é cachorro” em absoluto desrespeito às vítimas da violência da ditadura militar

brasileira. No ano de 2016, em entrevista ao programa Pânico, da rádio Jovem Pan, declarou que “o erro da ditadura foi torturar e não matar”.

Afirmações como as supracitadas, declaradas pelo candidato a maior da nação têm sido apoiadas por um imenso e perigoso número de seguidores que povoram as redes sociais, mas também ocupam os espaços públicos, andam pelos mesmos lugares e pedem tranquilamente um prato nos mesmos restaurantes.

Cornucópia

Na charge da figura 29 Laerte apresenta uma tirada utilizando uma cornucópia¹⁴ em quatro quadros de duas colunas em que o ser mitológico conversa com um homem.

Figura 29 - Cornucópia



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018

¹⁴ Vaso, em forma de corno, cheio de flores e frutos, e que antigamente era o símbolo mitológico da fortuna ou abundância e hoje simboliza a agricultura e o comércio; corno da abundância. In: MICHAELLIS, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. São Paulo: Uol, 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=GENq>>. Acesso em: 24/07/2022.

No primeiro quadro, nota-se o texto: *PRA VOCÊ UMA CORNUCÓPIA! - CORNO O QUE?!* Aqui o homem é representado com semblante confuso.

No segundo quadro, nota-se o texto: *O SÍMBOLO DA ABUNDÂNCIA! - O QUE NA BUNDA?* Aqui o homem é representado levemente irritado.

No terceiro quadro, lê-se o texto: *TRANSBORDA DE FLORES E DE FRUAS! - FRUTA, É?* Aqui o homem é representado bastante irritado e com postura corporal agressiva.

Por fim, no quarto quadro, temos o texto: *JÁ TE MOSTRO!* Aqui o homem é representado bastante irritado e agredindo a cornucópia com uma revista Veja enrolada em forma de cone demonstrando o perfil do leitor daquela revista.

Nos quadros o ser mitológico aparece sorridente ao oferecer ao leigo homem as benesses de seu vaso ao passo que o homem quando não apresenta dúvida, irritação ou agressividade. O fato de ele ser um leitor de Veja, uma das revistas mais reacionária do país retrata o perfil machista e agressivo de seu leitor. Além de que, ao demonstrar desconhecer a Cornucópia, fica subentendido que o seu leitor, classe média brasileira, também é ignorante.

Racismo

Figura 30 - Racismo



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018

Esta charge publicada no Dia da Consciência Negra (figura 30), em 20 de novembro de 2018, apresenta Bolsonaro em umas de suas falas racistas a respeito

da população negra. Em 2017, Bolsonaro foi processado por se referir às pessoas negras com a expressão “arobas”. Este caso ocorreu quando, ainda deputado, Bolsonaro defendia o fim da demarcação de terras quilombolas e indígenas. Na ocasião, também afirmou que os negros “não servem nem para procriar”. A forma criminosa de tratar negros por “arobas”, unidade de peso usada para gado, foi usada por ele nessa oportunidade por pelo menos três vezes.

Em fevereiro de 2020, em evento por videoconferência, Bolsonaro ao interagir com um apoiador negro fez a mesma piada. Antes da piada desagradável e criminosa, a vítima havia dito: “Bolsonaro, sou negão, votei em você e em 2022 vou votar de novo. Você é o melhor presidente do Brasil”.

A charge postada na semana em que o racismo está em amplo debate no Brasil buscou alavancar as reflexões acerca do preconceito manifesto que marca a trajetória de Jair Bolsonaro.

Nova escola

Figura 31 - Nova Escola



Fonte: Instagram (@lartegenial). Autor: Laerte Coutinho. Ano 2018

Essa publicação da Laerte Coutinho em seu *instagram*, de 11 de novembro de 2018, permeia o contexto da famigerada “Escola Sem Partido¹⁵” que iniciou em

2014 seu ataque covarde ao ensino e educação por meio de argumentos distorcidos e esdrúxulos que visavam cercear o professor em ministrar suas aulas de acordo com o pluralismo de saberes e ganhou força durante a campanha do então candidato à presidência da república Jair Bolsonaro.

Por isso, desde o início da campanha de 2018 mais famílias conservadoras passaram a defender que filhos filmassem seus professores a fim de fiscalizarem o que seria ensinado. Incentivados a vigiar o que (e como) eram ministrados os conteúdos, professores passaram de difusores de conhecimento e se tornaram algozes da sociedade, vendo-se ameaçados, coagidos, e cerceados da liberdade de cátedra ainda que de forma anticonstitucional, já que a Carta Magna de 1988, em seu artigo 206, decreta:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino (Constituição Federal, 1988).

Atacando a Constituição, lei suprema a qual todo cidadão brasileiro eleito pelo voto popular, em respeito ao regime democrático, jura cumprir e defender. Logo após a vitória de JB no segundo turno das eleições presidenciais (29/10/18), a deputada estadual, Ana Caroline Campagnolo, de mesmo partido que JB (PSL), eleita por Santa Catarina no mesmo pleito, escreveu no *Facebook* que “professores doutrinadores estarão inconformados e revoltados” e pediu para que estudantes catarinenses vigiem seus professores com o uso de aparelhos celulares. Corroborando com a deputada do PSL, Jair Bolsonaro, dias depois, em 05 de novembro de 2018, proferiu em entrevista à Rede Bandeirantes que “os professores devem se orgulhar e não ficar preocupados, caso algum aluno decida gravar as aulas”.

Evidentemente o que se pretende nessas situações não é proteger as crianças de possíveis abusos éticos, mas o que se buscava com a ESP era proibir assuntos que desagradavam a grupos de extrema direita cuja realidade dos fatos pode ser indecorosa. Por exemplo, o processo de escravidão iniciada no século XVI durante o Brasil Colônia, no qual milhares de negros foram retirados a força (e não

¹⁵ Segundo o mapa que registra projetos do "Escola Sem Partido" no país, em 2017, verificavam-se proposições legislativas em 15 entes da federação e 66 municípios, dentre 22 estados, de todas as regiões do Brasil (Coelho, 2021).

voluntariamente da África e trazidos para o Brasil; ou que o nazismo não é de esquerda), e sim, de fundamentos políticos da extrema-direita, como é defendido por historiadores de todo o mundo, inclusive alemães, mas que extremistas de direita insistem em subverter a lógica com revisionismo histórico que lhes convém (ver pág. 33 e 34).

Mesmo faltando algum tempo para iniciar formalmente o mandato presidencial, JB colocava seu Plano de Governo em ação como, por exemplo, perseguir a educação, a ciência, forjar inimigos e atacar a constituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da escrita deste trabalho não tinha a noção do que fora de fato 2018 ainda que o trabalho começasse ser produzido apenas dois anos após. Embora o objetivo central fosse os meses finais, correspondentes ao cenário da campanha eleitoral, foi necessária uma retrospectiva dos doze meses para tecer o fio condutor que levasse até ao cenário das eleições.

As tirinhas da Laerte Coutinho acusavam o efeito de que havia dois tipos bastante definidos de comportamento moral definidos de maneira muito clara onde residia a civilidade e a ética humana. Nada parecia muito difícil de ser identificado mas sensação era de que nada seria capaz de convencer um eleitor do absurdo que era a escolha por Jair Bolsonaro e seus correligionários políticos.

À medida que a pesquisa desenvolvia os fatos daquele ano ficava a sensação de que estivemos imersos em uma distopia tal a quantidade de absurdos o Brasil vivia e parecia negar-se a perceber. A charge (figura 5), representada pela imagem da bandeira do Brasil simbolizando um estado de hipnose, é o suprassumo da sensação que deu ao pesquisar aquele ano, que como escreveu Mário Magalhães, “tão cedo não vai acabar”.

Quatro anos depois, haveria novas eleições para o cargo de presidente da república e o que se viu foi uma tentativa de Jair Bolsonaro se manter no poder pela força a todo custo. Todo esforço para que sua permanência fosse assegurada foi investido quer seja dentro das quatro linhas, como ele costumava dizer, quer seja por vias criminosas. O voto não era o único caminho, era o caminho menos opcional. Aliás, colocou de maneira reiterada sob suspeita, sem apresentar provas, a integridade do sistema eleitoral brasileiro e da Justiça afirmando que o voto por meio das urnas não era confiável.

Na incapacidade de provar a fragilidade das urnas, outra estratégia foi impedir que eleitores chegassem a elas. Na data do segundo turno, 30 de outubro, a PRF, organizou rigorosas blitz nas rodovias do nordeste brasileiro a fim de dificultar que eleitores daqueles estados, aos quais o candidato Lula (PT) historicamente obtém vantagem de voto, pudessem chegar às urnas. Meses depois ficou provado envolvimento de Sildinei Vasques, então chefe da Polícia Rodoviária Federal, no plano de dificultar o trânsito pelas rodovias federais do nordeste no segundo turno.

Ele não foi reeleito, mas não assumiu a derrota. As frentes dos quartéis ficaram tomadas de radicais de trinta de outubro, data do segundo turno das eleições, até oito de janeiro de 2023 pedindo golpe militar, no que ficou conhecido como “ataques de oito de janeiro”, implorando para que o derrotado se recusasse em passar a faixa presidencial ao novo eleito. Inspirados pelo comportamento de Bolsonaro acusaram fraude nas urnas e pediram intervenção militar enquanto comandantes das Forças Armadas faziam todo esforço retórico para afirmar que aquelas faixas pedindo intervencionistas não eram problema, o que é uma grave afronta ao código penal uma vez que incitar golpe contra a democracia é crime segundo a Constituição Federal. Ademais, quando uma instituição marcada historicamente por golpes contra a democracia brasileira (Forças Armadas) suaviza manifestações a favor de Ditadura ocorre um impacto bastante desconfortável.

Naquele fatídico domingo de oito de janeiro quando centenas de golpistas que estavam acampados em frente ao Quartel-General do Exército em Brasília marcharam escoltados pela Polícia Militar do DF rumo à Praça dos Três Poderes onde invadiram e vandalizaram o patrimônio público enquanto a sociedade brasileira acompanhava ao vivo pela televisão cenas que incluíram um cidadão de nádegas brancas à mostra, empoleirado sob um suporte de estátua, enrolado na bandeira nacional, defecava volumosamente sobre um móvel do Supremo Tribunal Federal. Nada daquilo deveria ter sido surpresa haja vista que as ameaças, barbaridades, manifestações escatológicas estiveram na rotina dos discursos de Jair Bolsonaro.

O que fica de mais relevante talvez seja a ideia de que sempre é preciso ficar atento e que a democracia brasileira pode até ter resistido mas é preciso aprender com aquela eleição de 2018 em que o Brasil resistiu a um novo 1964.

quanto o passado é uma roupa que não deve mais caber.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Guilherme; JARDIM, Lauro. **Grampo revela que Aécio pediu R\$ 2 milhões a dono da JBS**. O Globo. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/grampo-revela-que-aecio-pediu-2-milhoes-dono-da-jbs-21353924>>. Acesso em: 07 ago. 2023.
- ARAGÃO, Alexandre. **É falso que Fernando Haddad defendeu em livro sexo entre pais e filhos. Aos Fatos**. 2018. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-fernando-haddad-defendeu-em-livro-sexo-entre-pais-e-filhos/>>. Acesso em: 22 de mar. 2023.
- BÄCHTOLD, Felipe; MARQUEZ, José. **Léo Pinheiro entregou minha cabeça à Lava Jato para se livrar da prisão**. 2019. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48898&anchor=6129807&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=2e69bbdc94eddf25faad628b76fb05bd>>. Acesso em: 09 de mar. 2023.
- BAPTISTA, Rodrigo. **Redes sociais influenciam voto de 45% da população, indica pesquisa do Data Senado**. DataSenado. 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/12/redes-sociais-influenciam-voto-de-45-da-populacao-indica-pesquisa-do-datasenado>>. Acesso em: 22 de mar. 2023.
- BARBON, Júlia; FRANCO, Luiza. **Majoria no Rio aprova intervenção federal mas não vê melhoria na cidade**. Folha de S. Paulo. Rio de Janeiro. 25 mar. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/majoria-no-rio-aprova-intervencao-federal-mas-nao-ve-melhora-na-cidade.shtml>>. Acesso em: 09 de out. 2023.
- BASSETTE, Fernanda. **Em entrevista ao G1, Laerte fala sobre a carreira de quadrinista**. G1. 2006. Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,AA1285007-5604,00.html>>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- BIASOTTO, Wilson Valentim. **A cadela do fascismo está sempre no cio**. 2022. Blog. Disponível em: <<http://biasotto.com.br/texto/1433/a-cadela-do-fascismo-esta-sempre-no-cio>>. Acesso em: 30 de mar. 2023.
- BOROS, Carol; COSTA, Cristina. **Laerte Coutinho 28/01**. Escola de Comunicação e Artes. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/memorias/sites/default/files/transcricoes/transcricao-laerte.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- BRANDÃO, Arnaldo; CAZUZA. O tempo não para. *In: Cazuzza. Só se for a dois*. Rio de Janeiro. *Universal Music*, 1987. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/cazuzza/o-tempo-nao-para.html>>. Acesso em: 02 de abr. 2023.

BRASIL. Ministério Público Federal. **Caso Lava Jato**. Brasília. 2021. Disponível em: <<https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/resultados>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Conheça a trajetória de Jair Messias Bolsonaro**. Presidente da República eleito assume mandato neste 1º de janeiro de 2019. Brasília. Acesso em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/biografia-do-presidente>>. Acesso em 23 de out. 2021.

BRASIL. Senado Notícias. Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. Brasília. 2016. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>. Acesso em: 03 de mar. de 2023.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **STF confirma anulação de condenações do ex-presidente Lula na Lava Jato**. Brasília. 2021. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464261&ori=1#:~:text=O%20Plen%C3%A1rio%20do%20Supremo%20Tribunal,enquadrarem%20no%20contexto%20da%20opera%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 09 fev. 2023.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Eleições 2018**: Justiça Eleitoral conclui totalização dos votos do segundo turno. 2018. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>>. Acesso em: 09 mar. de 2023.

CANÔNICO, Marco Aurélio. **Somos piratas em relação a regras**. Folha de S. Paulo. Ilustrada. 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2908200708.htm>>. Acesso em 25 jun. 2023.

CARDOSO, Bia. **Blogueiras Femininas**: Laerte, que mulher!. (2014). Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2014/11/12/laerte-que-mulher/>>. Acesso em: 17 de out. 2023.

CAVALCATI, Claudia. **Iluminuras**: travessuras de Juca e Chico, as. 2021. São Paulo. Disponível em: <<https://www.iluminuras.com.br/travessuras-de-juca-e-chico-as>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHADE, Jamil. **Interceptação de conversa entre Dilma e Lula foi ilegal, conclui ONU**. Uol. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/04/28/interceptacao-de-conversa-entre-dilma-e-lula-foi-ilegal-conclui-onu.htm>>. Acesso em: 09 de mar. 2023.

COÊLHO, Marcus Vinicius Furtado. **O STF e a inconstitucionalidade da “Escola Sem Partido”**. Consultor Jurídico. 2021. Disponível em:

<<https://www.conjur.com.br/2021-jun-20/constituicao-stf-inconstitucionalidade-escola-partido>>. Acesso em: 12 de abr. 2023.

COUTINHO, Laerte. **Dormindo com armas**. São Paulo. 18 de fev. 2019. Instagram: @laertegenial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BuCyFvxHFFw/>>. Acesso em 14 de out. 2021.

COUTINHO, Laerte. **Gente, que sonho eu tive agora**. São Paulo. 12 nov. 2018. Instagram: @laertegenial. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B57yTu3AdvN/>>. Acesso em 14 de out. 2021.

COUTINHO, Laerte. **Urnas e armas**. São Paulo. 15 out. 2018. Instagram: @laertegenial. Disponível em https://www.instagram.com/p/Bo8_bcDnM2T/>. Acesso em 14 de out. 2021.

DEMORI Leandro; MARTINS Rafael Moro; NEVES Rafael. **Um transatlântico: o namoro entre a Lava Jato e a Rede Globo. Intercept Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2021/02/09/namoro-lava-jato-rede-globo/>>. Acesso em: 08 set. 2023.

DIÁRIO, Esquerda. **Eleitores de Bolsonaro tiram foto com armas na urna**. Redação. 2018. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=25588>. Acesso em: 24 de out. 2021.

Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-a-expressao-imprensa-marrom>>. Acesso em: 17 de out. 2023.
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hGCgyW-1ySM>>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

DOMINGUES, Mauro Petersem. **Junho de 2013: e não eram mesmo só R\$ 0,20 centavos!**. Centro de Política Comparada. 2021. Disponível em: <<https://cpc.ufes.br/junho-de-2013-e-nao-eram-mesmo-so-r-020>>. Acesso em: 03 mar. 2023.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2015.

ESSES marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria. O candidato participou por telefone das manifestações e apresentou duas saídas a seus opositores: “ou vão pra fora ou vão pra cadeia”. **VEJA**. Redação. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/esses-marginais-vermelhos-serao-banidos-de-nossa-patria-diz-bolsonaro/>>. Acesso em: 30 de mar. 2023.

FEIOS, Galãs. **Laerte Coutinho/Galãs Feios**. São Paulo. 2023. Vídeo (1h. 9 min.). FRAZÃO, Dilva. William Shakespeare, dramaturgo e poeta inglês. E biografia. 2021. [S.d]. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/william_shakespeare/>. Acesso em: 30 de mar. 2023.

FILMES. **A história de Ingmar Bergman**: o pintor dos tormentos humanos, que faria cem anos. **Uol**. 2018. Disponível em: <://entretenimento.uol.com.br/noticias/afp/2018/07/13/cineasta-ingmar-bergman-o-pintor-dos-tormentos-humanos-completaria-100-anos.htm>. Acesso em 30 de mar. 2023.

FREITAS, Janio de. **O golpe no hospício**. Folha de S. Paulo, ano 96, N. 31928, 1 de set. 2016. Poder, p. A14. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=20700&anchor=6033007&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=7f28e352bf56737dbb1a0b52f85390ff>. Acesso em: 20 de abr. 2022.

FRENTE Integralista Brasileira. **Manifesto de 7 de outubro de 1932**. Deus, Pátria e Família. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/manifesto-de-7-de-outubro-de-1932/>. Acesso em: 25 de jun. 2023

GEOVANAZ, Daniel. **Especialista explica por que a Lava Jato ameaça a Constituição Federal**. Brasil de Fato. Curitiba, PR. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/06/08/especialista-explica-por-que-a-lava-jato-ameaca-a-constituicao-federal_>. Acesso em: 07 de ago. 2023.

GUARALDO, Lucas. **A mídia e a cobertura de manifestações ambíguas**. SOS IMPRENSA. 2020. Disponível em: <https://sosimprensa.wordpress.com/2020/06/24/a-midia-e-a-cobertura-de-manifestacoes-ambiguas/>. Acesso em: 03 de mar. 2023.

IMBROISI, Margaret. **O que é Coluna de Trajano?**. História das Artes. 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/coluna-de-trajano-o-que-e/>. Acesso em: 22 de abr. 2023.

JUSBRAZIL. **Artigo 206 da Constituição federal de 1988**. [S.l.]. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10650554/artigo-206-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em 12 de abr. 2023.

KEMP, Simon. **Digital 2023**: Brasil. DATAREPORTAL. 2023. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>. Acesso em: 15 mar. 2023.
MAGALHÃES, Mário. **Sobre lutas e lágrimas**. 1ª edição. Rio de Janeiro. São Paulo: Recorde, 2019.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.
MENDES, Conrado Hübner. **A sala de aula é onde a democracia começa (e termina)**. Conversa Afiada. 2018. Disponível em: <https://www.conversaafiada.com.br/politica/a-sala-de-aula-e-onde-a-democracia-comeca-e-termina>. Acesso em: 12 de mar. 2023.

NERY, Natuza. **Em diálogo, Jucá fala em pacto para deter avanço da Lava Jato**. Folha, 2016. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20599&anchor=6024581&origem=busca&originURL=&maxTouch=0>. Acesso em: 08 de mar. 2023.

OBORÉ. **Oboré projetos especiais 40**. 2018. Disponível em: <<https://obore.com/historico>>. Acesso em 25 de jun. 2023.

PODER360. **Bolsonaro defende tortura para quem ficar em silêncio em CPI, em maio de 1999**. Poder 360. 2021. 1 vídeo (2min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VRzVMcOdK1I>>. acesso em: 14 de set. 2023.

POVOS Originários: escritura y simbologia. **Códice Grolier**. Disponível em: <<https://pueblosoriginarios.com/meso/maya/maya/codices/grolier/grolier.html>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

RODRIGO, Pablo. **Moro diz que Lava Jato combateu PT mas recua**. Folha. A6, 2021. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/issuePrint.do?key=p-6447877,p-6447878&issueld=49775>>. Acesso em: 09 de mar 2023.

RODRIGUES, Larissa. **Ex-ministro Braga Netto tem sigilo telefônico quebrado em operação da PF**. Operação investiga a compra de coletes balísticos de licitação durante a intervenção federal do RJ em 2018. CNN. São Paulo. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/ex-ministro-braga-netto-tem-sigilo-telefonico-quebrado-em-operacao-da-pf/#:~:text=O%20general%20Walter%20Souza%20Braga,Rio%20de%20Janeiro%20em%202018.>>>. Acesso em: 12 de set. 2023.

ROSCOE, Beatriz. **Leis sobre responsabilidade fiscal mudaram depois de “pedalada” e impeachment**. Poder 360. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/leis-sobre-responsabilidade-fiscal-mudaram-depois-de-pedalada-e-impeachment/>. Acesso em: 07 de mar. 2023.

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia; GRAGNANI, Juliana. **#EleNão**: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. BBC News Brasil. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>. Acesso em: 02 de Abr. 2023.

ROSSI, Marina. OLIVEIRA, Regiane. **Fremdschämen, a constrangedora ‘aula’ sobre nazismo dos brasileiros aos alemães**: O termo alemão para "vergonha alheia" resume o que foi a enxurrada de críticas de internautas brasileiros a um vídeo da Embaixada alemã afirmando que nazismo é de direita. El País Brasil. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605_958656.html>. Acesso em: 22 de out. 2023.

SANCHES, Mariana. **Exclusivo: Congressistas dos EUA pedem que governo Biden explique como foi cooperação entre americanos e Lava Jato**. BBC News Brasil. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57392099>>. Acesso em: 21 de out. 2023.

SCALZILLI, Guilherme. **O “isentão” e a neutralidade ideológica**. *Jornal de Debate*. 2017. Observatório da Imprensa. 2017. Disponível em:

<<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/o-isentao-e-neutralidade-ideologica/>>. Acesso em: 01 de jul. 2022.

SITE do Planalto chama *impeachment* de Dilma de golpe. Poder 360, 2023. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/site-do-planalto-chama-impeachment-de-dilma-de-golpe/>>. Acesso em: 08 de mar. 2023.

SOUZA. F. da Silva; HECKO. Leandro; JUNUEIRA. Nathalia Monseff. História em combate: ciência e ensino, ética e engajamento / organização Fábio da Silva Sousa, Leandro Hecko, Nathalia Monseff Junqueira. — 1. ed. — São João de Meriti, RJ : Desalinho, 2022.

SPERB, Paula. **Eleitores de Bolsonaro votam com armas e filmam urna eletrônica.** Veja correspondentes. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/rio-grande-do-sul/eleitores-de-bolsonaro-votam-com-armas-e-filmam-urna-eletronica>>. Acesso em 24 out. 2021.

SUPER Interessante. **Como surgiu a expressão “imprensa marrom”?** E. Abril. 2011. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-a-expressao-imprensa-marrom>>. Acesso em: 18 out. 2023.

TIRAS Quase diária. **Manual do Minotauro.** 2023. São Paulo. Disponível em: <<https://laerte.art.br/sobre/>>. Acesso em: 13 de mar. 2023.

UMA viagem pela história e pela cultura do Rio de Janeiro. Rio Memórias. [S.a] 2023. Disponível em: <<https://riomemorias.com.br/memoria/275/>>. Acesso em: 13 de mar. 2023.

VARGAS, Alexandre Linck. **De Buster Brown a Burroyghs:** introdução a uma genealogia irônica dos quadrinhos brasileiros. Veredas: revista da associação internacional de lusitanistas. 2015. Disponível em: <introdução a uma genealogia irônica dos quadrinhos brasileiros.pdf>. Acesso em 30 abr. 2023.

VASQUEZ, Vitor Lacerda. **O jogo político partidário pós jornadas de junho de 2013.** Centro de Política Comparada. São Paulo. 2021. Disponível em: <<://cpc.ufes.br/o-jogo-politico-partidario-pos-jornadas-de-junho-de-2013-1>>. Acesso em: 03 mar. 2023.

WORNEY, Almeida de Souza. **Bigorna:** quadrinhos brasileiros em primeiro lugar. Tudo sobre o dia do quadrinho nacional e o troféu Angelo Agostini. 2005. Disponível em: <https://www.bigorna.net/index.php?secao=artigos&id=1134708984>>. Acesso em: 13 de jun. 2021.